

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ

ROWER ALLAN FERREIRA DA SILVA

**MAPEAMENTO DAS CONDIÇÕES DE DESENVOLVIMENTO DA
GINÁSTICA ARTÍSTICA NA CIDADE DE CURITIBA/PR**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

CURITIBA

2018

ROWER ALLAN FERREIRA DA SILVA

**MAPEAMENTO DAS CONDIÇÕES DE DESENVOLVIMENTO DA
GINÁSTICA ARTÍSTICA NA CIDADE DE CURITIBA/PR**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à disciplina de TCC 2 do Curso de Bacharelado em Educação Física do Departamento Acadêmico de Educação Física - DAEFI da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, como requisito parcial para a obtenção do título de bacharel em Educação Física.

Orientadora: Prof. Dra. Ana Paula Cabral Bonin Maoski.

CURITIBA

2018



Ministério da Educação
Universidade Tecnológica Federal
do Paraná
Câmpus Curitiba
Diretoria de Graduação e Educação
Profissional
Departamento de Educação Física
Bacharelado em Educação Física



TERMO DE APROVAÇÃO

MAPEAMENTO DAS CONDIÇÕES DE DESENVOLVIMENTO DA GINÁSTICA ARTÍSTICA NA CIDADE DE CURITIBA/PR

Por

ROWER ALLAN FERREIRA DA SILVA

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) foi apresentado em 08 de novembro de 2018 como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharelado em Educação Física. O candidato foi arguido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho **aprovado**.

Prof. Dra. Ana Paula Cabral Bonin Maoski
Orientadora

Prof. Dr. Gilmar Francisco Afonso
Membro titular

Prof. Ms. Fabio Mucio Stinghen
Membro titular

* O Termo de Aprovação assinado encontra-se na coordenação do curso.

AGRADECIMENTOS

Ao concluir esse trabalho gostaria de agradecer algumas pessoas que foram muito importantes nessa caminhada e que acreditaram que esse sonho seria possível.

Primeiramente a Deus pelo dom da vida, por ter me concedido forças para enfrentar as adversidades durante o processo da graduação. Agradeço também à minha querida mãe que já cumpriu sua missão nessa vida, a quem eu prometi seguir o curso até o final e concluir com êxito.

Minha gratidão também à minha esposa Fabiana pela paciência, compreensão e companheirismo nos momentos difíceis. À minha família de modo geral e à minha professora orientadora Ana Paula Cabral Bonin Maoski, por ter aceitado o meu projeto e ter me conduzido sempre com paciência, disposição, disponibilidade e profissionalismo.

São tantas pessoas importantes que nos encorajam no dia a dia e nos fazem buscar o nosso melhor, mesmo que esse melhor muitas vezes pareça esgotado. Alcançar algo que antes parecia impossível, no final tem um sabor de vitória que acalma a alma e nos prepara para os próximos desafios.

SILVA, Rower Allan Ferreira da. **Mapeamento das condições de desenvolvimento da ginástica artística na cidade de Curitiba/PR** 63 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Bacharelado em Educação Física. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2018.

RESUMO

O presente estudo buscou investigar de que maneira a Ginástica Artística se desenvolve na cidade de Curitiba/PR. Tendo em vista o que esse esporte já representou na cidade, o objetivo proposto foi mapear a infraestrutura de locais para a prática, financiamento público e projetos municipais desenvolvidos em Curitiba. Para isso, realizou-se uma pesquisa qualitativa, de cunho descritivo-investigativo. Optou-se pela realização de uma entrevista semiestruturada para a coleta dos dados com 6 participantes sendo 3 treinadores de ginástica artística e 3 professores de universidades. O tratamento dos dados ocorreu através da análise de conteúdo proposta por Bardin. Os resultados apontam para a precariedade na estruturação da ginástica artística na cidade, além disso, os entrevistados corroboram sobre a falta de infraestrutura para treinamento e iniciação do esporte, e, não veem investimento e financiamento suficientes para o desenvolvimento da modalidade. Conclui-se que a situação da modalidade na capital paranaense é crítica, pois existem pouquíssimos locais para a prática do esporte, contendo apenas um centro de treinamento de alto rendimento e os outros locais dispõem de equipamentos básicos ou espaço limitado para a prática. Portanto, se faz necessária a realização de mais estudos sobre o tema, buscando mapear o desenvolvimento da ginástica em outros estados, assim será possível traçar um panorama mais abrangente do problema e ampliará o suporte para futuras pesquisas no âmbito acadêmico.

Palavras-chave: Ginástica Artística. Infraestrutura. Financiamento.

SILVA, Rower Allan Ferreira da. **Mapping of the Conditions of Development of Artistic Gymnastics in the city of Curitiba / PR** 63 p. Work Completion of course (Graduation) - Bachelor of Physical Education. Federal Technological University of Paraná. Curitiba, 2018.

ABSTRACT

The present study sought to investigate how the artistic gymnastics is developed in the city of Curitiba/PR. In view of what this sport already has represented in the city, the proposed objective was to map the infrastructure of places to practice, public financing and municipal projects developed in Curitiba. For this, a qualitative, descriptive-investigative research was carried out. It was decided to perform a semi-structured interview for data collection with 6 participants who were invited for the interview. The interviewees were divided into 3 artistic gymnastics coaches and 3 university professors. The data treatment took place through the content analysis proposed by Bardin. The results indicate the precariousness in the structuring of the artistic gymnastics in the city, in addition, the interviewees corroborate about the lack of infrastructure for training and initiation of the sport, and they do not see sufficient investment and financing for the development of the modality. It is concluded that the situation of the modality in the capital of the state is critical, because there are very few places for the practice of the sport, containing only one high performance training center and the other locations offer basic equipment or limited space to practice. Therefore, it is necessary to carry out further studies on the subject, seeking to map the development of gymnastics in other states, so it will be possible to outline the problem more broadly and expand support for future academic research.

Key Words: Artistic Gymnastics. Infrastructure. Financing.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Representação do montante captado por manifestação esportiva pela Lei de incentivo ao esporte em 2016	25
Gráfico 2 - Representação da quantidade de atletas de ginástica artística contempladas com bolsas do TOP no Período de 2011 - 2017	29

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Captação de recursos do CEGIN no ano de 2016 via Lei de incentivo ao esporte	25
Quadro 2 - Quantidade de atletas de ginástica artística de Curitiba que foram contempladas com a bolsa do TOP em 2011	28
Quadro 3 - Quantidade de atletas de ginástica artística de Curitiba que foram contempladas com a bolsa do TOP em 2012	28
Quadro 4 - Quantidade de atletas de ginástica artística de Curitiba que foram contempladas com a bolsa do TOP em 2013/2014	28
Quadro 5 - Quantidade de atletas de ginástica artística de Curitiba que foram contempladas com a bolsa do TOP em 2015	28
Quadro 6 - Quantidade de atletas de ginástica artística de Curitiba que foram contempladas com a bolsa do TOP em 2016	29
Quadro 7 - Quantidade de atletas de ginástica artística de Curitiba que foram contempladas com a bolsa do TOP em 2017	29
Quadro 8 - Relação de transcrição das entrevistas	35
Quadro 9 - Nomeação de participantes	36

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Número de artigos científicos referentes à modalidade de ginástica de acordo com os autores	13
Tabela 2 - Relação de atletas e entidade contemplados pela Lei de incentivo ao esporte municipal de Curitiba	30

LISTA DE SIGLAS

CBD	Confederação Brasileira de Desportos
CBG	Confederação Brasileira de Ginástica
CEGIN	Centro de Excelência e Ginástica
COB	Comitê Olímpico Brasileiro
CT	Centro de Treinamento
EUA	Estados Unidos da América
FARG	Federação Atlética Rio Grandense
FCG	Federação Cearense de Ginástica
FIG	Federação Internacional de Ginástica
FPG	Federação Paranaense de Ginástica
FRG	Federação Rio Grandense
GA	Ginástica Artística
GAF	Ginástica Artística Feminina
GAM	Ginástica Artística Masculina
LIEM	Lei de Incentivo ao Esporte Municipal
ME	Ministério do Esporte
SEET	Secretaria de Esporte e Turismo
TOP	Talento Olímpico do Paraná

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
1.1	JUSTIFICATIVA	12
1.2	PROBLEMA e HIPÓTESE	14
1.3	OBJETIVO GERAL	14
1.3.1	Objetivo(s) Específico(s)	14
2	REFERENCIAL TEÓRICO	15
2.1	CONCEITO DE ESPORTE E SUAS DIFERENTES MANIFESTAÇÕES	15
2.1.1	Ginástica Artística: do mundo para o Brasil	16
2.2	CONDIÇÕES DE DESENVOLVIMENTO	19
2.2.1	Infraestrutura para prática	21
2.2.2	Financiamento público	23
2.2.3	Programas e projetos de financiamento e fomento ao esporte em Curitiba	26
2.2.4	Talento Olímpico do Paraná	26
2.2.5	Lei de Incentivo ao Esporte Municipal de Curitiba	30
2.2.6	Programa de Atendimento Socioesportivo (Pase) ou Escola + Esporte = 10	31
3	METODOLOGIA DE PESQUISA	32
3.1	TIPO DE ESTUDO	32
3.2	PARTICIPANTES	33
3.2.1	Critérios de Inclusão	33
3.2.2	Critérios de Exclusão	33
3.3	INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS	33
3.3.1	Instrumentos	33
3.3.2	Procedimentos	33
3.4	RISCOS E BENEFÍCIOS	34
3.5	ANÁLISE DOS DADOS	34
4	RESULTADOS E DISCUSSÃO	36
5	CONCLUSÃO	52
	REFERÊNCIAS	54
	APÊNDICE 1 – TERMO DE CONSENTIMENTO	59
	APÊNDICE 2 – TERMO DE COMPROMISSO DE UTILIZAÇÃO DE DADOS	61
	APÊNDICE 3 – Roteiro de Entrevista Semiestruturada Para Técnicos	62
	APÊNDICE 4 – Roteiro de Entrevista Semiestruturada Para Professores	63

1 INTRODUÇÃO

Nos últimos anos o Brasil recebeu grandes eventos esportivos, desde o Pan-Americano em 2007, passando pelos Jogos Mundiais Militares em 2011, a Copa das Confederações em 2013, a Copa do Mundo de Futebol em 2014 e os Jogos Olímpicos e Paralímpicos Rio 2016. Nesse sentido, inúmeros esportes – principalmente os olímpicos, ganham a cada dia mais visibilidade tanto no cenário nacional como também no cenário internacional.

A Ginástica Artística (GA) é um desses esportes que, particularmente na cidade de Curitiba possui um histórico que chama a atenção, tendo em vista que entre os anos de 2001 e 2008 teve como sede o centro de excelência e ginástica artística permanente, implementado pela Confederação Brasileira de Ginástica (CBG) (NUNOMURA & OLIVEIRA, 2012). Cabe salientar que, além do contexto de esporte de rendimento, a GA é desenvolvida na cidade de Curitiba há vários anos no contexto escolar, principalmente em escolas particulares através das atividades extracurriculares¹, em um projeto de extensão de uma universidade², em clubes e academias especializadas³ e mais recentemente a prefeitura através da Secretaria Municipal de Esporte, Lazer e Juventude vem desenvolvendo a GA em algumas regionais da cidade (Rua da Cidadania⁴), com o intuito de expandir o esporte a outras regionais.

Durante o período em que o centro de excelência permaneceu na cidade, foi possível visualizar muitas conquistas e crescimento técnico e físico da equipe, que jamais houvera antes nas equipes de ponta do Brasil, possivelmente frutos do investimento empregado nesse projeto promissor naquela época. Mas o projeto não teve vida longa, talvez pelo motivo da CBG apostar e adotar uma metodologia nova de treinamento, um modelo soviético de centralização das atletas, o qual gerou vários questionamentos entre profissionais da área, técnicos e mídia (NUNOMURA & OLIVEIRA, 2012). Com o fim do Centro de Treinamento (CT), o cenário da GA em Curitiba perdeu um pouco do prestígio, ficou sem grandes atenções, investimento e

¹ Colégio Marista Santa Maria e Colégio Positivo Ambiental.

² Universidade Federal do Paraná (UFPR).

³ Clube Duque de Caxias e Spin Flip.

⁴ Regional Santa Felicidade, Regional Portão e Regional Boqueirão – Informações retiradas do site da Prefeitura Municipal de Curitiba, disponível em: <<http://www.curitiba.pr.gov.br/noticias/criancas-tem-aulas-de-ginastica-artistica-em-tres-regionais/42782>>. Acesso em 15/11/2018.

visibilidade.

O CT deu lugar ao Centro de Excelência de Ginástica (CEGIN), que atualmente desenvolve um trabalho que atende a iniciação e o alto rendimento na GA, e que possui equipamentos de última geração e espaço adequado para o desenvolvimento do esporte. Contudo, sabe-se que o projeto já passou por algumas dificuldades nos aspectos de perda de patrocínio e investidores, tendo que romper contrato com alguns treinadores, inclusive os técnicos estrangeiros que foram responsáveis pelo ciclo 2001-2008⁵. De acordo com Nunomura & Nísta-Piccolo (2008), o custo de aparelhos, espaço e professores qualificados para o desenvolvimento da modalidade, limitam o âmbito de aplicação do esporte.

No Brasil, os estudos na área da ginástica são muito escassos e alguns fatores que podem estar associados a esse fato são a falta de interesse de acadêmicos que ingressam na faculdade de Educação Física, falta de cursos de especialização e também pela falta de suporte e infraestrutura dentro das universidades, que poderiam subsidiar e contribuir com as pesquisas (NUNOMURA, 2001).

O presente estudo busca descrever as condições em que a GA se desenvolve na capital paranaense, a partir de um mapeamento da infraestrutura, financiamento e projetos municipais que dão suporte à modalidade na cidade.

1.1 JUSTIFICATIVA

A justificativa pessoal parte do momento em que o autor tomou interesse pela área da administração e gestão esportiva, e também, pelo fato de trabalhar em uma instituição de ensino que oferece a GA como atividade extracurricular para alunos de ensino infantil, fundamental e médio. Contudo, muito embora seja uma área que possui raízes históricas na cidade, observa-se uma carência nas instituições públicas ou privadas que oferecem a prática dessa modalidade sendo a dificuldade de aquisição de infraestrutura adequada para a prática, um dos fatores.

⁵ Informações retiradas do site Folha Uol, disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/paywall/signup.shtml?https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2015/12/1713455- crise-tira-ucraniano-oleg-ostapenko-da-ginastica-artistica-do-brasil.shtml>>. Acesso em: 15/11/2018.

Em uma perspectiva acadêmica, a pesquisa se justifica pelo fato de não haverem muitos estudos nessa área, o que legitima a necessidade de enriquecimento acadêmico na perspectiva da GA. Em um estudo realizado por Souza, Moraes e Silva & Moreira (2016), os autores fizeram um levantamento sobre o perfil da produção científica online em português de acordo com as modalidades esportivas olímpicas e paralímpicas. Foram exploradas as bases de dados Lilacs, Medline, Scielo e portal de periódicos da Capes e contabilizados os estudos publicados em cada modalidade.

O estudo se refere à ginástica não especificando quantos artigos estão inclusos por cada modalidade gímnica na pesquisa, já que atualmente fazem parte do quadro olímpico de verão a ginástica artística, ginástica rítmica e ginástica de trampolim. A seguir, a tabela 1 apresenta onze categorias de temas publicados e quantos desses temas foram encontrados dentro de cada categoria:

Tabela 1 - Número de artigos científicos referentes à modalidade de ginástica de acordo com os autores

Categorias	Quantidade
Treinamento	18
Iniciação esportiva e Categorias de Base	28
Saúde	14
Esporte na Educação	4
Administração, Financiamento e Políticas Públicas	1
Lazer	0
Regras e Arbitragem	2
Técnicos e Treinadores	7
Psicológicos	11
Sociais, Culturais e Históricos	6
Nutricionais	16

Fonte: SOUZA; MORAES; SILVA & MOREIRA (2016).

Em relação às categorias, percebe-se uma inclinação à produção de estudos com ênfase em treinamento, iniciação, nutrição, psicologia e saúde. Partindo do princípio de que toda a produção acima seja sobre as modalidades gímnicas presentes nos Jogos Olímpicos, a quantidade dessa produção se torna muito baixa. Destacando a categoria de Administração, Financiamento e Políticas Públicas, que é o objeto do presente estudo, observamos a publicação somente de uma pesquisa sobre o tema.

A justificativa social se dá pelo levantamento de uma discussão que visa à interação de ideias, depoimentos, sentimentos que venham a somar e responder

algumas questões sobre o desenvolvimento da modalidade na capital do estado do Paraná. Com os resultados obtidos, futuramente, gestores do esporte e da modalidade esportiva em questão, poderão utilizar projetos que possibilitem modificar o modo de pensar e administrar a modalidade na capital paranaense.

1.2 PROBLEMA e HIPÓTESE

Diante do que foi exposto, o problema em questão é: de que maneira a Ginástica Artística se desenvolve na cidade de Curitiba com base na infraestrutura para treinamento, financiamento e projetos municipais?

Como hipótese, considerando as circunstâncias em que o esporte de uma maneira geral se encontra no Brasil, acredita-se que a GA não se desenvolve de forma significativa na cidade de Curitiba.

1.3 OBJETIVO GERAL

Descrever de que maneira a ginástica artística se desenvolve na cidade de Curitiba com base na infraestrutura para treinamento, financiamento público e projetos municipais.

1.3.1 Objetivo(s) Específico(s)

- a) identificar o financiamento público para o desenvolvimento da ginástica artística em Curitiba;
- b) descrever os programas, projetos e ações desenvolvidos na cidade de Curitiba com ênfase na ginástica artística;
- c) mapear as infraestruturas destinadas à prática da ginástica artística na cidade de Curitiba;
- d) conhecer a opinião de treinadores e professores sobre a forma como a GA é desenvolvida na cidade.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 CONCEITO DE ESPORTE E SUAS DIFERENTES MANIFESTAÇÕES

De acordo com Marchi Jr., (2015), a palavra desporto tem origem francesa, *deport*, significando prazer, descanso, esparecimento, recreio, sendo que na incorporação do termo os ingleses atribuíram-lhe modificações, acrescentando o sentido de um uso atlético submetido às regras, dando-lhe a definição de *sport*. Posteriormente, o vocábulo inglês foi aportuguesado como esporte, entretanto, os quinhentistas de Portugal faziam uso e empregavam o termo desporto em seus escritos (MARCHI JR., 2005).

Com o passar dos anos, essa prática foi se ressignificando e adquirindo novos contornos num efetivo processo de expansão e internacionalização. As modalidades esportivas foram se multiplicando e, em alguns casos, se desdobrando em derivações das práticas originais; o número de praticantes cresce vertiginosamente criando-se um contingente demarcatório de amadores e profissionais (MARCHI JR., 2015).

Segundo Tubino (2010), o esporte como um dos mais importantes fenômenos socioculturais da transição de séculos, tem merecido da intelectualidade e da mídia internacional uma atenção especial, que tem permitido aprofundamentos políticos, sociais, culturais, educacionais, científicos e antropológicos. Esses estudos vão, pouco a pouco, inserindo, de forma consolidada, fatos esportivos na contemporaneidade, fazendo com que o esporte cada vez mais se torne uma das prioridades das diversas sociedades do mundo atual (TUBINO, 2010).

Além disso, para esse autor, concomitante a esse processo ocorre que, o número de praticantes esportivos é crescente, o espaço do esporte na mídia é maior a cada momento, há uma ciência do esporte ganhando espaço, as modalidades de práticas esportivas vão se multiplicando, a tecnologia específica vai se transformando pela sofisticação e o debate.

Cabe ainda destacar que esse esporte adquire diferentes versões, consideradas pelos autores como dimensões esportivas, sendo que as principais são: educação, participação e rendimento. De acordo com Tubino (2010), o conceito de esporte-educação pode ser dividido em: esporte educacional e esporte escolar.

O esporte educacional, também chamado de esporte da escola, tem por

objetivo não somente atender o ambiente escolar em si, mas também a comunidade que está fora do contexto, como em projetos sociais que atendam crianças carentes.

Para Tubino, Garrido e Tubino (2006), o esporte educacional deve estar referenciado nos princípios da: inclusão, participação, cooperação, co-educação e co-responsabilidade.

O esporte escolar se resume a prática esportiva de jovens com talento para alguma modalidade. Está referenciado nos princípios do desenvolvimento esportivo e do desenvolvimento do espírito esportivo, mais do que *'Fair-play'*, é o enfrentamento de novos desafios e outras qualidades morais mais importantes (TUBINO, 2010).

Esse mesmo autor aponta que a dimensão 'esporte-participação' também é conhecida como esporte popular, praticado de forma espontânea, tem relações com a saúde e as regras. Estas não precisam ser seguidas rigorosamente, pois podem ser criadas e consentidas pelos próprios participantes. O autor ainda salienta que o esporte lazer, que também é conhecido como esporte comunitário, esporte-ócio, esporte-participação, ou esporte do tempo livre, tem como princípios: a participação, o prazer e a inclusão.

Por fim, o esporte de rendimento também é reconhecido por Tubino (2010) como esporte desempenho, esporte de competição, esporte-performance e esporte institucionalizado, é aquele praticado obedecendo a códigos e regras estabelecidos por entidades internacionais. Podemos entender que é o tipo de esporte que tem como foco principal a vitória sobre o oponente, a rivalidade e a objetivação de uma recompensa como: troféus, torneios e títulos de campeonatos. Está sob o olhar mais atento da mídia e patrocinadores.

Não se pode deixar de esclarecer que o esporte de desempenho pode ser: esporte de rendimento ou de alto rendimento (alta competição, alto nível etc.). Os princípios para essas duas manifestações do esporte desempenho são comuns (TUBINO, 2010).

2.1.1 Ginástica Artística: do mundo para o Brasil

De acordo com Oliveira (2007), embora a ginástica tenha sua origem na antiguidade onde o homem já realizava acrobacias como habilidade natural, foi na modernidade que ela prosperou como esporte de competição.

No período romano, o exército utilizava a ginástica, entendida neste momento como prática de exercícios de condicionamento físico e estético, como método de treinamento militar para preparar os soldados para as conquistas de outros povos e foi nesse período que as provas de salto sobre o cavalo e a prova de cavalo com alças tiveram sua origem (OLIVEIRA, 2007).

A GA teve como seu fundador e, considerado o pai da modalidade, o Alemão Friedrich Ludwig Jahn (PUBLIO, 2002). Jahn preparava jovens fisicamente para defender sua nação de tropas invasoras. Ele lecionava num instituto e era responsável pela saída bissemanal dos alunos até uma área sem cultivo e arborizada chamada *Hasenheide* (Paradeiro das Lebres), onde se efetuavam batalhas simuladas (PUBLIO, 2002).

Antes de Jahn, a ginástica era apenas um entretenimento realizada por artistas circenses que utilizavam esta modalidade como fonte de renda, isto é, um entretenimento como produto artístico (OLIVEIRA, 2007). Ainda de acordo com Oliveira, com o Turnverein (Sociedades de Ginástica Alemãs) a ginástica ganhou o status de atividade física adquirindo assim a importância nacional e um significado nacionalista dentro da cultura alemã.

Apesar de tudo o que a ginástica proporcionou aos jovens e à sociedade alemã, no período de 1820-1842, ocorreu o chamado 'Bloqueio Ginástico', que corresponde ao período em que a ginástica de Jahn foi proibida por ser considerada revolucionária e demagógica (PUBLIO, 2002). Como resultado desse bloqueio, a ginástica de Jahn passou a ser praticada em recintos fechados e seus seguidores agora perseguidos e vigiados se espalharam pela Alemanha e Europa difundindo a ginástica (OLIVEIRA, 2007).

Devido a proibição na Alemanha, o movimento continuou na Suíça e culminou na criação da mais antiga agremiação de Ginástica do mundo, a Sociedade Federal de Ginástica, fundada em 1832, tendo naquele mesmo ano organizado a primeira festa federal Turnfest, em Arau, realizada periodicamente a cada ano (PUBLIO, 2002).

Sobre as origens da Federação Internacional de Ginástica (FIG), Langlade (1970), citado por Publio (2002) relata que:

Foi principalmente N.J. Cupérus (1842-1928) que se dedicou de corpo e alma à propagação dos exercícios físicos, na Antuérpia primeiro, e em toda a Bélgica em seguida, e finalmente na Europa e no mundo inteiro (PUBLIO, 2002, p.53).

Ainda de acordo com Publio, (2002):

Depois da festa de 1863, que havia reunido em Liège algumas sociedades de Ginástica em crescente desenvolvimento, a sociedade local propôs agrupar-se na Federação Belga de Ginástica. A sessão de fundação teve lugar em 1865 durante a 1ª festa Federal de Liège, que reuniu 350 ginastas belgas e alemães. Ela foi presidida pelo Dr. Termonia e Cupérus foi o primeiro secretário federal. Logo, desde 1878-79 e durante 45 anos, Cupérus foi seu presidente. Em carta, datada de 1º de junho de 1881, Nicolas Cupérus, Presidente da Federação Belga de Ginástica, convidou várias federações para participar da Festa Federal que estaria realizando no mês seguinte. Em sua carta ele escreveu: *... Nós ficaríamos agradecidos se sua sociedade pudesse ser representada por um delegado que participasse com sua autorização para uma missão especial... Nós consideramos que essa ocasião seria propícia para unificar as várias Federações de Ginástica da Europa.* Assim guiado pelo seu amor, pela fraternidade de povos, reuniu, em 23 de julho de 1881, uma primeira assembleia Internacional de Ginástica com delegados holandeses, franceses e belgas, fundando naquele dia o “Comitê Permanente das Federações Europeias de Ginástica”, em algumas ocasiões denominado Federação Europeia de Ginástica (FEG), que, a partir de 1921, passou a denominar-se Federação Internacional de Ginástica (FIG), tendo sido Nicolas Cupérus eleito seu primeiro presidente. Nicolas J. Cupérus ficou na Presidência durante 42 anos (1881-1924). Diversas homenagens foram feitas a Nicolas Cupérus, inclusive dando seu nome a uma das ruas de sua cidade natal, Antuérpia (PUBLIO, 2002, p. 54; grifos do autor).

Ainda conforme Publio, no Brasil a ginástica teve início, com a colonização alemã no Rio Grande do Sul, em 1824.

Sequencialmente, em 1942, foi fundado o departamento de Ginástica na Federação Atlética Rio Grandense (FARG), que mais tarde, em 1962, veio transformar-se na fundação da Federação Rio-grandense de Ginástica (FRG), se consolidando então, oficialmente, como o primeiro estado a iniciar a prática da ginástica artística no Brasil (PUBLIO, 2002).

Posteriormente, foram fundadas as federações dos estados de São Paulo e Rio de Janeiro e, em 1951 as três federações oficializaram sua filiação à Confederação Brasileira de Desportos (CBD), que era a única entidade esportiva brasileira reconhecida internacionalmente (NUNOMURA & NISTA-PICCOLO, 2008).

A ginástica desmembrou-se da CBD em 1978 e, a partir de então, nasceu a CBG, que há 39 anos gerencia as atividades da GA brasileira.

De acordo com o estatuto da CBG, a mesma resultou da emancipação desta modalidade desportiva da Confederação Brasileira de Desportos, com completa independência e autonomia fora de qualquer influência política, religiosa, racial e

econômica. Ainda segundo o estatuto, algumas federações foram pioneiras e fundamentais na fundação da CBG, foram elas: Federação Maranhense de Desportes; Federação Pernambucana de Ginástica; Federação Desportiva Espírito-santense; Federação Carioca de Ginástica; Federação Paulista de Ginástica; Federação Riograndense de Ginástica; Federação Mineira de Ginástica.

A Confederação Brasileira de Ginástica é responsável por dirigir, difundir, promover, organizar e aperfeiçoar a Ginástica Artística, a Ginástica Rítmica, Ginástica para Todos, Ginástica Aeróbica, Ginástica de Trampolim e Ginástica Acrobática. A Confederação constitui-se pelas entidades estaduais de administração da ginástica (Federações) por filiação direta, reconhecida como exclusiva entidade dirigente da ginástica no âmbito dos estados e do distrito federal.

Abrangendo todas as modalidades de ginástica, vinculadas à CBG, temos 5 seleções de atletas brasileiros que representam o país em competições. São as seleções: Ginástica Artística Masculina; Ginástica Artística Feminina; Ginástica Rítmica de Conjunto; Ginástica Rítmica Individual e Ginástica de Trampolim.

As seleções de GA (masculina e feminina) são compostas por 12 atletas cada uma. A seleção feminina constantemente conta com a presença de algumas atletas que atuam pelo CEGIN de Curitiba, são elas: Carlyne Pedro e Thais Fidelis, as duas atletas figuram como as que mais disputam campeonatos internacionais representando o estado do Paraná.

2.2 CONDIÇÕES DE DESENVOLVIMENTO

Segundo Carvalho (2007 apud Bortoleto, 2011), através do discurso midiático realizado por grandes emissoras e outros meios de comunicação, nos últimos anos a GA brasileira ganhou visibilidade nacional e internacional, prestígio e adeptos. Levando em conta essas novas divulgações, exposição e conquistas de atletas do esporte nos últimos anos, não podemos afirmar que a GA tenha atingido um alto patamar ou tenha se consolidado no Brasil.

Ávila e Bortoleto (2010), dizem que atualmente a ginástica artística está em um espaço de destaque no cenário internacional, incentivando assim, várias crianças a almejem performances de ginastas renomadas como Daiane dos Santos e Daniele Hypólito. Becker (2000), comenta que a divulgação dos grandes eventos esportivos pelos meios de comunicação, pode influenciar a prática

desportiva, principalmente, pela identificação dos ídolos.

A maior presença dos atletas da GA na mídia e a transformação dos mesmos em ídolos, mesmo que fugazes, pode ser notada ainda no aumento de publicidades de patrocinadores vinculados à GA e seus protagonistas (BORTOLETO, FERREIRA & RODRIGUES, 2011).

Sabemos que de alguma forma isso contribui para o esporte e o coloca em um nível desejado por muitos dos seus idealizadores, mas por outro lado, temos os fatos que revelam outra realidade, que muitas pessoas desconhecem e que são negligenciados na maioria das vezes.

Apesar de toda a beleza, encanto e benefícios psicomotores oferecidos pela prática da modalidade, ela ainda é rodeada por alguns paradigmas. De acordo com Ghirotto (2008), esses paradigmas consistem na afirmação de que a mesma retarda ou impede o crescimento da criança.

[...] isso se dá pela especialização esportiva precoce, que acaba afetando as epífises ósseas gerando distúrbios (fraturas, danos nas articulações, fraturas por estresse, inflamação da apófise) no crescimento e desenvolvimento da criança e do adolescente. Nos dias atuais já se pode observar um olhar mais atento de técnicos para essa questão do crescimento, que devem cada vez mais estar conscientes sobre tal fato (GHIROTTI, 2008, p. 154).

Outras razões que impedem que mais pessoas tenham acesso à GA, como escolas, clubes e academias, são os fatores de custo elevado de aparelhos, espaço suficiente e professores qualificados (NUNOMURA & NISTA-PICCOLO, 2008).

Sobre isso, Nunomura & Nista Piccolo (2008) explicam que:

No Brasil, a Ginástica Artística (GA) é uma modalidade esportiva pouco conhecida se comparada a outras como o futebol, o voleibol e o basquetebol. Mas, ao analisarmos os últimos anos, é possível observar um crescimento significativo, tanto do número de participantes em campeonatos, como de pessoas que já assistiram a algum evento dessa modalidade. Há que se considerar ainda o número de profissionais de Educação Física e de esporte que vivenciaram a prática da GA na Educação Física escolar e, conseqüentemente, certo aumento da oferta dessa prática em escolas, clubes e praças públicas. Mas certamente, o aumento do número de praticantes não corresponde ao crescimento de estudos e de pesquisas que abordam a GA. Observa-se claramente, uma carência de publicações sobre GA, o que comprova a desvinculação e o desinteresse da produção universitária com o trabalho desenvolvido em clubes, escolas, federações e confederação. Os profissionais que atuam na modalidade têm muita dificuldade em encontrar cursos de especialização ou outra forma de aprimoramento nas diferentes dimensões que envolvem a prática da GA (NUNOMURA & NISTA-PICCOLO, 2008, p. 9).

De acordo com Schiavon et al., (2013), o fato de a GA ter conquistado, nos últimos anos, posições de destaque no cenário internacional, não reflete, neste caso, um sistema bem organizado de desenvolvimento da modalidade no país. No que se refere à estrutura e organização do esporte no Brasil, Nunomura e Nista-Piccolo (2008) corroboram com Schiavon:

O quadro que o cenário esportivo brasileiro apresenta em relação ao desenvolvimento da GA mostra-se deficitário, com pouquíssimos locais de treinamento de alto nível, sem demonstrar avanço científico nesses trabalhos. Faltam estudos e pesquisas sobre questões técnicas e táticas desenvolvidas nos treinamentos que estão sendo aplicados em algumas equipes de ponta no país; falta divulgação das propostas trabalhadas; falta aperfeiçoamento dos técnicos nessa modalidade, além de cursos de especialização na área. Não há uma estrutura adequada para a formação de técnicos de ginástica sem a preocupação, por parte das entidades que cuidam da ginástica em nosso país, em desenvolver normas e critérios de formação dos ginastas (Nunomura, 2000). Não há padrão de qualidade do profissional e nem mesmo definições claras das questões pedagógicas sobre trabalhos de base dessa modalidade esportiva. Elas acontecem em alguns clubes de acordo com o pensamento e a formação do profissional que assume a responsabilidade da tarefa, com objetivos direcionados exclusivamente para o resultado, definidos por coordenadores e/ ou diretores do próprio clube que, quase sempre, são leigos nas áreas de Educação Física e de Esportes (NUNOMURA & NISTA-PICCOLO, 2008, p. 29).

De fato, hoje em dia no Brasil, percebe-se a carência de profissionais capacitados na área de gestão em clubes esportivos e até mesmo em federações esportivas, assim como as autoras enfatizam acima. Para Rocha e Bastos (2011), o acontecimento de megaeventos esportivos no Brasil pode fomentar o desenvolvimento da área da gestão esportiva, tanto no âmbito profissional como acadêmico.

2.2.1 Infraestrutura para prática

As práticas esportivas, seja como atividade educacional ou como de resultados e, sobremaneira, como atividade lúdica integrante do conjunto de atividades de lazer, configuram um direito humano essencial, direito este expresso na Constituição brasileira, disposto no artigo 6º e no artigo 217 (OLIVEIRA, TAFFAREL & BELEM, 2014).

Entretanto o que se vê no atual estado da prática esportiva no Brasil, se

contradiz em relação à constituição, seja muitas vezes pela falta de infraestrutura para a prática ou pela falta de um modo de financiamento sólido, ou seja, uma política nacional do esporte consolidada.

Segundo Oliveira, Taffarel & Belem (2014), atualmente no Brasil não existe estudo sistematizado e fidedigno que exponha a realidade do esporte em sua totalidade e que permita um reconhecimento de seus limites, dificuldades e contradições para sua universalização. As políticas, seja na esfera pública ou privada do setor do esporte, necessitam da produção de dados dotados de relevância e propósito, que em princípio, é matéria-prima fundamental e base para a construção do conhecimento (VALENTIM 2003 apud OLIVEIRA et al, 2014).

De acordo com Oliveira, Taffarel & Belem (2014), a infraestrutura esportiva é o elemento (variável) mais presente nas descrições e levantamentos já realizados no Brasil, porém sempre de forma parcial e fragmentado, seja pela tipologia da instalação ou por sua esfera administrativa. Os mesmos autores indicam ainda que:

No Brasil, é comum encontrarmos os termos instalações, espaços e infraestruturas esportivas, dentro uma mesma definição. Para efeito de um diagnóstico esportivo, torna-se necessário conhecer a infraestrutura esportiva brasileira, entendendo-a como o conjunto daqueles elementos que são estruturais e que dão suporte a toda uma rede de serviços oferecidos e prestados em uma determinada estrutura (instalações ou espaços). Nesses termos, a infraestrutura esportiva vai além das instalações físicas e dos espaços físicos, ela engloba a gestão dessa estrutura, os serviços prestados diretamente (as atividades esportivas e afins), bem como os indiretos, para a concretização da prática esportiva (a política de manutenção, conservação, energia, água, utilização, etc) (OLIVEIRA, TAFFAREL & BELEM, 2014, p. 6).

Diegel (2002), vai mais afundo, apontando para o alto nível, inferindo que o sistema esportivo depende de alguns recursos necessários para se desenvolver: tradição olímpica ou condições históricas específicas, base ideológica, interesse e participação nos desportos, estrutura organizacional, estrutura de pessoal e finanças, atletas, técnicos, identificação de talento, promoção de talento, treinamento, competições, reuniões desportivas, sistema de prêmios para atletas, para técnicos, seguro social para ambos, luta contra o doping, prioridades e esquemas, tendências e aspectos específicos de cada nação.

O autor estuda os sistemas desportivos de algumas potências mundiais no esporte e verifica que apenas os Estados Unidos não possuem relações significativas com o Estado ou com algum sistema político desportivo, por outro lado

possuem uma cultura de estreita relação entre desporto e escolas (SCHIAVON; PAES 2012).

Especificamente abordando ginásios de GA, alguns autores ressaltam a importância de aparelhagem e materiais adequados, devido à segurança dos ginastas em uma modalidade que envolve riscos de acidentes pela sua característica própria de inverter o corpo e realizar acrobacias e movimentos diferentes do cotidiano (STILL, 1993; SMOLEUSKIY, GAVERDOUSKIY, 1996; ARKAEV; SUCHILIN, 2004; SCHIAVON & PAES, 2012).

De acordo com Stil (1993), um ginásio de GA deve ter toda a aparelhagem preparada para o uso e com todas as condições de segurança, enfatizando que entre os fatores estruturais que podem causar algum prejuízo para o ginasta estão: o edifício ou espaço do ginásio, a aparelhagem específica da modalidade e outros equipamentos auxiliares no local.

2.2.2 Financiamento público

Realizando uma breve recordação sobre o financiamento da ginástica artística antes dos anos 2000, até o começo do século XXI, pode-se encontrar a face de uma modalidade com fortes indícios de amadorismo e que ainda era pouco expressiva, com grandes dificuldades financeiras. Cabe citar o exemplo da ginasta Daniele Hypólito que foi medalhista de prata, na prova de solo durante o mundial de 2001, viajando com o auxílio financeiro do jogador de futebol Ronaldo, pois não possuía recursos para se manter durante a competição (OLIVEIRA & BORTOLETO, 2009).

No final da década de 90 é que se viu um redirecionamento na organização da modalidade visando os ciclos Olímpicos 2004-2008. Isso se deu pela chegada dos técnicos estrangeiros, investimentos em infraestrutura, equipamentos e a implantação da seleção permanente em Curitiba. Oliveira e Bortoleto (2009), comentam que essa transformação está diretamente ligada ao aumento no suporte financeiro advindo do governo federal através da Lei Agnelo/Piva⁶ de 2001 e da Lei de Incentivo ao Esporte.

⁶A Lei prevê que 2% da arrecadação bruta das loterias federais no país, descontadas as premiações, sejam destinados em favor do Comitê Olímpico do Brasil (COB) e do Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB), na seguinte proporção: 85% para o COB e os 15% restantes para o CPB. Além disso, a lei determina que, do total arrecadado por essas instituições, 10% deveriam ser investidos no desporto

A Lei de Incentivo ao Esporte – Lei 11.438/2006 – visa dispor incentivos e benefícios para fomentar/desenvolver as atividades de caráter desportivo (MORAES E SILVA; SANTOS; CORRÊA, 2014). Permite que empresas e pessoas físicas invistam parte do que pagariam de imposto de renda em projetos esportivos aprovados pelo Ministério do Esporte. As empresas podem investir até 1% desse valor e as pessoas físicas, até 6% do imposto devido. Em seu art. 2º, a lei determina que os recursos captados em função do benefício fiscal devem atender a pelo menos uma das seguintes manifestações esportivas: desporto educacional, desporto de participação e desporto de rendimento (BRASIL, 2006).

Oliveira e Bortoleto (2009), relatam ainda que os recursos advindos da Lei Agnelo/Piva eram utilizados no desenvolvimento e na manutenção dos projetos, nos recursos humanos da Confederação, na preparação técnica e manutenção dos ginastas e no desenvolvimento de competições. Com o suporte da Lei de Incentivo ao Esporte e principalmente da Agnelo/Piva, a CBG passou a estruturar e organizar a GA brasileira nos seus programas de base e alto rendimento (OLIVEIRA & BORTOLETO, 2009).

Segundo dados do Ministério do esporte (ME) através do relatório de gestão, em 2016, a GA ficou na posição de décimo terceiro na relação dos esportes que mais captaram recursos provenientes da lei de incentivo ao esporte, em primeiro lugar ficou a canoagem, em segundo o Voleibol e o Basquetebol em terceiro. Não se pode considerar uma captação de recursos baixa, visto que a concorrência com esportes mais valorizados é forte. Especificamente no ciclo Rio 2016, a GA obteve financiamento relevante.

Também de acordo com o ministério, entre os anos de 2008 a 2016, houve uma distribuição de recursos um tanto quanto desigual entre as manifestações esportivas, sendo assim o esporte de rendimento obtendo maior parte dos recursos, enquanto educacional e lazer foram menos beneficiados, de acordo com o que consta no Gráfico 1:

Gráfico 1 - Representação do montante captado por manifestação esportiva pela Lei de incentivo ao esporte em 2016



Fonte: Ministério do Esporte (2017).

SILVA et al., (2015) afirmam que priorizando o esporte de alto rendimento, o ME contraria a proposta da Constituição Federal Brasileira de 1988, de garantia do lazer como direito social e prioridade de promoção do esporte educacional, conforme inciso II, do artigo 217. Nesse sentido, vários autores e estudiosos do esporte defendem a priorização de investimento no ‘esporte base’, iniciação e educacional com o intuito de colher os frutos dessa aposta em longo prazo.

O quadro a seguir mostra que em Curitiba o CEGIN é beneficiado com o recurso da Lei Federal de Incentivo ao esporte. Não há qualquer outro resultado para outras entidades proponentes. Esse fato acaba corroborando em partes com a priorização de esporte rendimento. Isso também pode ser explicado pela possível falta de projetos com o intuito de promover o esporte em outras manifestações:

Quadro 1 - Captação de recursos do CEGIN no ano de 2016 via Lei de incentivo ao esporte

Proponente: CENTRO DE EXCELÊNCIA DE GINÁSTICA DO PARANÁ - 23.235.656/0001-99	
Nº SLIE:	1510133-90
UF:	PR
Nº do Processo:	58701.003184/2015-37
Estimativa Público:	0
Valor Aprovado para Captação (R\$):	2.328.436,58
Prazo para Captação:	A
Situação do Projeto:	Em captação
Quem patrocinou ou doou:	Patrocinador: Portonave S.A. – Terminais Portuários de Navegantes
Data da Captação	29/12/2016
Valor Captado (R\$)	83.439,15

Fonte: Ministério do Esporte (2017).

O financiamento público para o esporte no Brasil ainda é amplamente discutido, principalmente após os jogos olímpicos e paralímpicos. Muito se fala no legado que os jogos deixariam, e claro, uma estruturação mais fundamentada, monitorada e consolidada é o que se tem como o maior objetivo por parte de esportistas e idealizadores do desporto nacional.

2.2.3 Programas e projetos de financiamento e fomento ao esporte em Curitiba

Nesse tópico serão abordados os programas e projetos de fomento ao esporte na capital Paranaense, se faz necessário enfatizar que o programa Talento Olímpico do Paraná (TOP) é realizado pelo governo do estado (junto a parcerias de empresas privadas) e nesse caso específico, consideramos como um programa que se desenvolve em Curitiba também, já que a maioria dos atletas de ginástica artística que recebem a bolsa, residem na capital.

2.2.4 Talento Olímpico do Paraná

O programa Talento Olímpico do Paraná é uma iniciativa do governo do estado por intermediação da Secretaria de Esporte e Turismo (SEET), de fomentar e incentivar o desporto olímpico e paralímpico no estado, concedendo bolsa auxílio a atletas e técnicos. O programa diz que, os recursos são oriundos do próprio governo, de patrocínios diretos e de incentivos fiscais autorizados pelo Ministério do Esporte por meio da Lei de Incentivo ao Esporte (SECRETARIA DE ESPORTE E TURISMO 2018).

De acordo com o artigo 2º do regulamento, o eixo que conceitua o programa é o da oportunidade na revelação de atletas que almejam uma carreira esportiva de sucesso, uma preocupação que surge não somente da necessidade de identificar um talento, mas sim de proporcionar a ele um suporte adequado e condições para que se dedique mais à sua modalidade e sua carreira no desporto, por meio de oferecimento de bolsa, com base em desempenho técnico.

Segundo o regulamento, o TOP baseia-se em alguns princípios decorrentes da política do governo do estado do Paraná para o desenvolvimento do esporte. São eles: da soberania, da autonomia, da democratização, da liberdade, do direito social, da diferenciação, da identidade nacional, da educação, da qualidade, da

descentralização, da segurança e da eficiência (SECRETARIA DE ESPORTE E TURISMO 2018).

O que se mostra evidente no programa e está exposto em seus objetivos gerais e específicos, é a tentativa de fazer com que talentos esportivos não se evadam do território paranaense por falta de condições de treinamento, estabelecendo uma missão um tanto desafiadora de tentar resgatar aqueles talentos que já se foram pela falta de recursos. Uns dos objetivos também estão pautados na monitoração e avaliação do desempenho dos atletas em competições⁷.

O TOP é dividido em oito categorias de bolsas, a seguir elas se encontram sequenciadas com suas principais funções e critérios básicos, podendo ser aprofundados no Regulamento de 2017: Bolsa TOP Formador e TOP Formador paralímpico, que se destina a alunos/atletas com idade entre 11 e 14 anos (nascidos entre 1º de janeiro de 2003 e 31 de dezembro de 2006). A categoria TOP formador paralímpico se destina a alunos/atletas com idade entre 11 e 18 anos (nascidos entre 1º de janeiro de 1999 e 31 de dezembro de 2006); Bolsa TOP Técnico Formador, se destina a professores/técnicos que estejam treinando atletas ou equipes que participem dos Jogos Escolares do Paraná, e um critério importante, é ser obrigatoriamente graduado em Educação Física; Bolsa TOP Estadual (para as modalidades olímpicas e paralímpicas), se destina a atletas com idade entre 11 e 21 anos (atletas nascidos entre 1º de janeiro de 1996 e 31 de dezembro de 2006).

Um requisito básico é estar matriculado e frequentando estabelecimento de ensino público ou privado (ensino fundamental, médio ou superior) no Estado do Paraná, e atender aos requisitos mínimos exigidos por lei quanto à frequência e avaliação ao longo do ano em curso; Bolsa TOP Técnico, destina-se a técnicos que estejam treinando atletas ou equipes no Estado do Paraná, em esportes olímpicos ou paralímpicos (constantes no quadro de modalidades oficiais dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos). Deve estar treinando equipes ou atletas do Paraná e ser graduado em Educação Física; Bolsa TOP Nacional (para as modalidades olímpicas e paralímpicas), se destina a atletas sem limite de idade.

Os atletas devem ter trajetória de reconhecimento esportivo e resultados expressivos em competições dentro e fora do Estado do Paraná; Bolsa TOP

⁷ Informações retiradas do Regulamento do TOP 2020, disponível em: <<http://www.top2020.uel.br/top2020/img/regulamentos/regulamento2020.pdf>>. Acesso em 15/11/2018.

Internacional (para as modalidades olímpicas e paralímpicas) se destina a atletas sem limite de idade. Os atletas devem ter trajetória de reconhecimento esportivo e resultados expressivos em competições internacionais dentro e fora do Brasil; Bolsa TOP Rio 2016 (para as modalidades olímpicas e paralímpicas) se destina a atletas que foram bolsistas do Programa TOP 2016 em sua 5ª edição (ano de 2016) e que participaram dos Jogos Olímpicos e/ou paralímpicos - RIO 2016; e Bolsa TOP Medalhista (para modalidades olímpicas e paralímpicas) se destina a atletas que foram bolsistas do Programa TOP 2016 em sua 5ª edição (ano de 2016) e que obtiveram medalhas nos Jogos Olímpicos e/ou paralímpicos - RIO 2016.

Os quadros a seguir representam o ano, a quantidade, o valor e a categoria de bolsas do TOP concedidas para atletas de GA de Curitiba.

Quadro 2 - Quantidade de atletas de ginástica artística de Curitiba que foram contempladas com a bolsa do TOP em 2011

ANO	CATEGORIA	QTDE DE BOLSISTAS	VALOR DA BOLSA
2011	ESCOLAR	8	500

Fonte: Secretaria de Esporte e Turismo do Paraná (2011).

Quadro 3 - Quantidade de atletas de ginástica artística de Curitiba que foram contempladas com a bolsa do TOP em 2012

ANO	CATEGORIA	QTDE DE BOLSISTAS	VALOR DA BOLSA
2012	ESCOLAR	7	500
	NACIONAL	2	1000
	INTERNACIONAL	2	4000
	TÉCNICO	2	850

Fonte: Secretaria de Esporte e Turismo do Paraná (2012).

Quadro 4 - Quantidade de atletas de ginástica artística de Curitiba que foram contempladas com a bolsa do TOP em 2013/2014

ANO	CATEGORIA	QTDE DE BOLSISTAS	VALOR DA BOLSA
2013/14	ESCOLAR	4	500
	NACIONAL	3	1000
	INTERNACIONAL	3	1500
	TÉCNICO	1	850

Fonte: Secretaria de Esporte e Turismo do Paraná (2013).

Quadro 5 - Quantidade de atletas de ginástica artística de Curitiba que foram contempladas com a bolsa do TOP em 2015

ANO	CATEGORIA	QTDE DE BOLSISTAS	VALOR DA BOLSA
2015	ESCOLAR	11	500
	NACIONAL	4	1000
	OLIMPO	0	3000
	TÉCNICO	1	850

Fonte: Secretaria de Esporte e Turismo do Paraná (2015).

Quadro 6 - Quantidade de atletas de ginástica artística de Curitiba que foram contempladas com a bolsa do TOP em 2016

ANO	CATEGORIA	QTDE DE BOLSISTAS	VALOR DA BOLSA
2016	ESCOLAR	7	500
	NACIONAL	4	1000
	OLIMPO	1	4000
	TÉCNICO	0	850

Fonte: Secretaria de Esporte e Turismo do Paraná (2016).

Quadro 7 - Quantidade de atletas de ginástica artística de Curitiba que foram contempladas com a bolsa do TOP em 2017

ANO	CATEGORIA	QTDE DE BOLSISTAS	VALOR DA BOLSA
2017	ESTADUAL	9	500
	NACIONAL	4	1000
	INTERNACIONAL	1	2000
	RIO	0	2000
	TÉCNICO	0	850

Fonte: Secretaria de Esporte e Turismo do Paraná (2017).

No gráfico a seguir é possível visualizar uma oscilação no número de bolsas concedidas pelo TOP desde o ano da criação do programa até o ano de 2017:

Gráfico 2 - Representação da quantidade de atletas de ginástica artística contempladas com bolsas do TOP no Período de 2011 - 2017



Fonte: Autoria própria (2018).

Um dos objetivos do programa era tornar o estado do Paraná referência no esporte no Brasil até 2016, ano das Olimpíadas no Rio de Janeiro. De acordo com a SEET são realizados pagamentos de 1.600 bolsas, com recursos financeiros patrocinados pela Companhia Paranaense de Energia (COPEL).

2.2.5 Lei de Incentivo ao Esporte Municipal de Curitiba

Essa lei é mais uma aliada de atletas e entidades esportivas, ela beneficia pessoas ou órgãos residentes na cidade de Curitiba, ela possui algumas diferenças em relação à lei federal. A lei (decreto 1133/13) prevê a captação de recursos do Imposto Predial e Territorial Urbano (IPTU), que são investidos diretamente em projetos esportivos.

Desde a sua implantação (2002), foram beneficiados atletas, paratletas, profissionais em Educação Física no segmento educação e entidades de diversas modalidades esportivas cujo desempenho tem destacado o município em competições nacionais e internacionais. Algumas atletas da ginástica artística de Curitiba (alto rendimento), participantes de competições nacionais e internacionais são contempladas com a LIEM (Lei de Incentivo ao Esporte Municipal), assim como a entidade esportiva que atuam, como retrata a tabela a seguir:

Tabela 2 - Relação de atletas e entidade contemplados pela Lei de incentivo ao esporte municipal de Curitiba

Nome	Modalidade	Ano	Categoria	Valor	Local de Realização	Natureza	Sexo
Anna Julia Melo de Brito Reis	Ginástica Artística	2017	Olímpica	4,000.00	Nacional	Pessoa Física	F
Beatriz Ferreira Lima	Ginástica Artística	2017	Olímpica	4,000.00	Nacional	Pessoa Física	F
Carolyn Mercer Winche Pedro	Ginástica Artística	2017	Olímpica	7,000.00	Nacional	Pessoa Física	F
Luiza Trautwein Oliveira Domingues	Ginástica Artística	2017	Olímpica	6,000.00	Nacional	Pessoa Física	F
Mayara Vieira dos Santos	Ginástica Artística	2017	Olímpica	4,000.00	Nacional	Pessoa Física	F
Thais Fidelis dos Santos	Ginástica Artística	2017	Olímpica	7,000.00	Nacional	Pessoa Física	F
Vitoria Gabriela Custodio	Ginástica Artística	2017	Olímpica	4,000.00	Nacional	Pessoa Física	F
Centro de Excelência de Ginástica Artística do Paraná - CEGIN	Ginástica Artística	2017	Olímpica	50,000.00	Nacional/Internacional	Pessoa Jurídica	

Fonte: Prefeitura Municipal de Curitiba (2017).

De acordo com a tabela, sete atletas de ginástica artística que atuam em Curitiba pelo CEGIN, foram contempladas em 2017 pela LIEM, todas de categoria olímpica. Percebe-se uma diferença em valores, que se atribuem ao destaque maior de algumas das atletas, como por exemplo: Thais Fidelis e Carolyn Pedro. Essas atletas recorrentemente estão compondo a seleção brasileira em campeonatos

internacionais. Podemos observar a arrecadação da própria entidade CEGIN, como pessoa jurídica, com um valor de R\$ 50,000.00.

2.2.6 Programa de Atendimento Socioesportivo (Pase) ou Escola + Esporte = 10

Segundo a Prefeitura municipal de Curitiba esse programa é uma parceria realizada entre a Secretaria Municipal de Esporte, Lazer e Juventude (SMELJ) e a secretaria da Educação (SME), tem como objetivo oportunizar o acesso de crianças e jovens na faixa etária de 06 a 17 anos a atividades de iniciação esportiva no contra turno escolar, fortalecendo valores que venham a contribuir para o desenvolvimento dos participantes.

O Projeto também é conhecido como Escola + Esporte = 10 (EE 10). No projeto são oferecidas várias modalidades esportivas como: futebol, basquete, voleibol, atletismo, ginástica entre outros. De acordo com as informações da prefeitura, são realizados torneios esportivos entre as regionais.

3 METODOLOGIA DE PESQUISA

A pesquisa se trata de uma abordagem de cunho qualitativo com característica descritiva. Segundo Flick (2009), a pesquisa qualitativa é de particular relevância ao estudo das relações sociais devido à pluralização das esferas de vida.

Para Silva (1996), ao adotar-se a pesquisa qualitativa é fundamental que consideremos a existência de uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, que não se esgota somente com análise de números. Os investigadores qualitativos tentam analisar os dados em toda a sua riqueza, respeitando, tanto quanto o possível, a forma em que estes foram registados ou transcritos (BOGDAN; BIKLEN, 1994).

Concluindo a metodologia investigativa e descritiva, os autores afirmam que:

Os investigadores qualitativos estabelecem estratégias e procedimentos que lhes permitam tomar em consideração as experiências do ponto de vista do informador. O processo de condução de investigação qualitativa reflete uma espécie de diálogo entre os investigadores e os respectivos sujeitos, dado estes não serem abordados por aqueles de uma forma neutra. (BOGDAN; BIKLEN, 1994 p. 51).

Partindo deste princípio, as entrevistas realizadas não se pautaram apenas em perguntas fechadas, mas sim em diálogos dinâmicos onde fosse possível a extração do máximo de conteúdo que o entrevistado pudesse acrescentar para o estudo, deixando, portanto, os dados mais robustos e as discussões mais enriquecedoras.

3.1 TIPO DE ESTUDO

O tipo do estudo se concentra em uma perspectiva descritiva-investigativa. De acordo com Lima et al, (2016) a importância da pesquisa descritiva fundamenta-se na premissa de que os problemas podem ser encontrados e resolvidos. Portanto, a coleta dos dados acontecerá pela realização de entrevista semiestruturada.

A descrição enfatizará o desenvolvimento da GA na capital do estado do Paraná. Em relação ao delineamento, o estudo será conduzido de modo transversal.

3.2 PARTICIPANTES

Os participantes constituíram-se por 3 professores de universidades e 3 treinadores da modalidade de ginástica artística da cidade de Curitiba, totalizando 6 integrantes.

3.2.1 Critérios de Inclusão

Treinadores em atividade na capital paranaense ou que já trabalharam com a modalidade na cidade.

Professores de universidades que lecionem a disciplina de ginástica na instituição de ensino em que exerce a docência.

Assinar o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE).

3.2.2 Critérios de Exclusão

Os participantes que não responderam completamente a entrevista.

3.3 INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS

3.3.1 Instrumentos

O instrumento que utilizado foi a entrevista semiestruturada elaborada pelo pesquisador. De acordo com Triviños (1987), esse tipo de entrevista valoriza a presença do investigador e oferece perspectivas para que os sujeitos alcancem a liberdade e a espontaneidade necessárias para o estudo, o que torna o processo de investigação enriquecedor.

3.3.2 Procedimentos

As entrevistas ocorreram no local de trabalho dos participantes, sendo assim os horários a serem realizadas as entrevistas, dependeram de suas respectivas tarefas, afim de que pudessem sentir-se mais livres e à vontade. Tendo em vista que um participante reside nos Estados Unidos da América (EUA), abriu-se uma exceção para que a entrevista fosse realizada via e-mail, as questões da entrevista foram

enviadas por correio eletrônico para o participante.

O contato prévio para a realização das entrevistas foi feito via aplicativo *WhatsApp* e e-mail. Para a gravação da voz do sujeito foi utilizado um mini gravador de voz digital da marca *Sony*, modelo *ICD-PX240* e um celular da marca *Samsung*, modelo *J3*.

Também foram feitas anotações complementares com *Notebook* da marca *Positivo*. Todos os procedimentos foram de responsabilidade do próprio autor.

3.4 RISCOS E BENEFÍCIOS

Os participantes estiveram sujeitos a riscos morais, tendo em vista que a pesquisa se tratou de uma entrevista semiestruturada. Eventualmente, poderiam ter sentido algum tipo de constrangimento com algum questionamento.

Diante da pouca oferta de trabalhos acadêmicos na modalidade em questão, pode-se inferir que o estudo será de grande valia para pesquisas futuras e até mesmo para gestores do esporte. Para os participantes, o benefício maior é o fato de se estar mapeando as condições de 'sobrevivência' da modalidade a partir da infraestrutura que os mesmos utilizam, e dos programas que participam para se manterem de forma consolidada em sua trajetória.

3.5 ANÁLISE DOS DADOS

O tratamento dos dados ocorreu através da análise de conteúdo proposta por Bardin (1979). Segundo a referida autora, a análise de conteúdo enquanto método torna-se um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens.

Portanto a compilação do material coletado conforme a autora, irá se dividir em torno de três polos: a pré-análise, exploração do material e, por fim, o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação (BARDIN, 1979).

O quadro a seguir faz uma relação das entrevistas dos participantes, enfatizando o tempo de duração (min), quantidade de páginas e o total das duas variáveis:

Quadro 8 - Relação de transcrição das entrevistas

Participante	Duração de entrevista (min)	Páginas de transcrição
A	<i>E-mail</i>	4
B	34	11
C	27	8
D	24	7
E	46	11
F	42	13
Total	173	54

Fonte: Autoria própria (2018).

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com a metodologia proposta, a partir dos dados obtidos com a pesquisa, optamos por subdividir esses dados em categorias, já que as perguntas da entrevista se assemelham, tanto para treinadores quanto para técnicos.

As categorias foram divididas em quatro tópicos dirigidos: financiamento da GA; profissionais; organização e administração da GA; e desenvolvimento da GA.

Quanto à nomeação dos participantes, foram classificados com as letras do alfabeto de “A” a “F” dividindo-os também de acordo com sua função, treinador e professor. Para a análise dos trechos das entrevistas optamos por identificá-los pelas letras iniciais do seu cargo e a letra qual foram classificados, por exemplo:

Quadro 9 - Nomeação de participantes

Treinador A	Professor D
Treinador B	Professor E
Treinador C	Professor F

Fonte: Autoria própria (2018).

Apresentada a divisão das categorias e a nomeação dos entrevistados, entraremos na primeira categoria referente aos profissionais da ginástica artística, compreendendo os recém-formados e cursos de capacitação.

Quando questionados sobre os profissionais da modalidade, os participantes corroboraram em seus pensamentos sobre cursos de capacitação dentro da GA e profissionais recém-formados. — *Acredito que a escassez de cursos e de locais para atuar com ginástica fazem com que os profissionais recém-formados busquem outras áreas de atuação* (Treinador B).

Ele atribui essa escassez à falta de interesse de alguns em difundir o conhecimento sobre a ginástica. Esse pensamento corrobora com o do treinador C, que enfatiza a questão de terem poucos cursos, além disso, ele salienta a existência de bons profissionais no Brasil que poderiam estar exercendo essa atividade de ministrar cursos, podendo até ser uma forma de aumentar sua renda passando conhecimento para a comunidade acadêmica e profissional da GA. — *A questão de ter poucos cursos também, eu acho que temos profissionais bons nos Brasil que poderiam estar dando mais cursos e até uma forma de sei lá aumentar a renda deles né? Não sei, mas poderiam tá aproveitando melhor* (Treinador C).

Nesse sentido, podemos observar que esse assunto vem sendo discutido há muito tempo. Nunomura (2001), já dizia que até aquele momento não havia nenhuma iniciativa por parte da confederação ou das federações de ginástica em se criar cursos para a formação de técnicos. Parte desta responsabilidade também compete a estes órgãos, que devem primar pela qualidade dos serviços prestados neste setor.

Já o treinador A, ao se referir à escassez de cursos, se reporta à questão de que alguns técnicos não gostam de compartilhar seus conhecimentos, pensam apenas em seu reconhecimento próprio, como se realizassem uma disputa entre técnicos. — *Eles não gostam, não gostam disso, os técnicos gostam de ter o seu reconhecimento próprio e se colocar num pedestal, é muita disputa pra ver quem é o melhor técnico, então isso faz com que os cursos sejam mais escassos* (Treinador A).

Com base nessa explanação podemos fazer uma relação com (Oliveira 1997, apud Nunomura; Nísta-Piccolo 2003), que aponta a ineficiência da vinda de técnicos de várias partes do mundo, uma vez que não houve a intenção de disseminar o conhecimento e a experiência desses técnicos, ficando apenas restritos àquelas instituições que puderam custear sua estada no país. No entanto, para De Bosscher et al. (2009), a presença de técnicos experientes e que estão inseridos na elite internacional contribui para o sucesso esportivo de uma nação.

Ainda em relação aos cursos e profissionais recém formados o professor F cita dois pontos para a questão dos cursos: ou eles são endereçados a um público específico, ou a frequência é baixa mesmo, fato que ele julga ser ruim, porque não existe uma abertura para pessoas que se apaixonam pela modalidade, como acadêmicos na graduação que veem uma oportunidade de trabalho mas não tem o aprofundamento necessário. — *Eu acho uma pena isso porque, se a gente tivesse uma abertura um pouco maior, tem muita gente que gosta, que se apaixonou digamos pela ginástica, agora aqui em Curitiba particularmente eu vejo muito pouco, mesmo no Brasil eu vejo uma frequência muito baixa, infelizmente né?* (Professor F).

Analisando os discursos de alguns participantes e autores, podemos constatar o quanto se faz importante a presença de federação e confederação trabalhando juntas em prol do desenvolvimento de um esporte.

Contudo, a eficácia de ações para a melhoria e desenvolvimento do esporte brasileiro depende de recursos, financiamento de atletas para a tão sonhada

medalha de ouro olímpica ou pódio. O apoio financeiro ampara a política esportiva que induz, em grande medida, o sucesso de um país no alto rendimento (DE BOSSCHER et al., 2009).

A próxima categoria apresenta a opinião dos entrevistados sobre o financiamento do esporte brasileiro, especificamente o da GA, incluindo o programa talento olímpico do Paraná e bolsa atleta do governo federal.

Nessa questão, o treinador B foi sucinto na resposta, dizendo que não vê como prioridade do governo o financiamento do esporte, e ainda relata que em época de olimpíada se vê um apoio maior com o intuito do governo de fazer parte da conquista dos atletas. Os dados vão ao encontro dos apontamentos de Almeida e Marchi Jr., (2011), quando esses afirmam que onde os dirigentes esportivos e políticos ligados ao esporte costumam estar presentes nesses momentos de conquista, trazendo para si a boa imagem de 'responsáveis pelo sucesso'.

Ao falar sobre as bolsas TOP e bolsa atleta, o treinador B revelou não conhecer com detalhes o primeiro, mas coincidiu suas respostas, dizendo que é importante que atletas tenham esse apoio para trazer conquistas para o país e para o estado, mas em contrapartida seria interessante se houvesse um investimento na base do esporte, um apoio para a massificação e desenvolvimento da ginástica com formação de profissionais capacitados e locais adequados para treinamento.

O mesmo treinador faz uma comparação entre Brasil e EUA, onde no país norte-americano ele não conhece ninguém que receba bolsas ou apoio do governo, porém, a ginástica é massificada, é desenvolvida, existem vários ginásios onde muitas crianças praticam o esporte. De Bosscher et al. (2009) confirmam que a infraestrutura de treinamento é um dos pilares para o sucesso no esporte. De acordo com Nunomura e Oliveira (2012), fica claro que, sem as condições ideais de treinamento, as possibilidades de sucesso são prejudicadas e restritas ou improváveis.

Apesar de não conhecer programas de financiamento por parte do governo dos EUA, o entrevistado relata que existe um website⁸ onde é possível fazer doações aos atletas norte-americanos. — *Acredito que o ideal seria o estado investir em mais e melhores locais para o desenvolvimento da ginástica e não somente nos*

⁸ Site Team Usa que contém informações sobre atletas, modalidades olímpicas e paralímpicas dos EUA, disponível em: <www.teamusa.org> Acesso em: 23/08/2018.

atletas já formados. Se houver um investimento maior para massificar e desenvolver a ginástica em mais locais com boa qualidade, teremos muito mais atletas trazendo resultado para o estado (Treinador B).

— Péssimo! Péssimo! Péssimo! Quase nada de investimento. O que a gente vê são os salários de bolsa atleta que muitas vezes se acumulam nas mesmas ginastas (Treinador A).

O treinador A classificou como péssimo o financiamento do esporte, tendo conhecimento do bolsa atleta, do TOP e outros, mas para ele não é o suficiente. O mesmo treinador nos relata que as bolsas giram sempre em torno das mesmas atletas, tendo em vista que outras treinam com a mesma intensidade e não recebem bolsas, colocando essa responsabilidade em cima dos pais, o que ele chama de 'paitrocínio', gerando desânimo e desistência do esporte por parte dos atletas. Teixeira et. al (2017), citam em seu estudo a baixa abrangência do programa bolsa atleta, além da ausência de fiscalização por parte do ministério do esporte, ocasionando inúmeras denúncias de atletas contemplados que sequer disputaram alguma competição no ano-referência, em prejuízo a outros que poderiam ter sido contemplados.

Segundo o treinador A os custos com inscrições em campeonatos, passagem e hospedagem são considerados elevados para alguns pais que muitas vezes não têm condições de dar esse suporte, por isso o incentivo do governo, financiamento e um patrocínio faz muita falta. O treinador ainda revela que atletas que se encontram lesionadas acabam perdendo as bolsas, tal fato coincide com os apontamentos de Teixeira et al., (2017), ao concluir sobre o bolsa atleta:

O programa não tem por fundamentação a continuidade como forma de manutenção ou melhora da qualidade dos esportistas, tendo em vista que pouquíssimos atletas receberam a bolsa por três ou quatro anos consecutivos, por exemplo, caso determinado atleta já contemplado pelo benefício sofrer uma lesão em fases preparatórias, afastando-se das competições por um considerável intervalo de tempo, com certeza será prejudicado, pois, não se qualificará ao benefício no ano seguinte. (TEIXEIRA et al., 2017 p.107).

— Então, esse dinheiro que vem, que provêm dos jogos aí de loteria, dessas loterias que têm, que é destinado 1% ele é um dinheiro extremamente mal aplicado (Professor E).

Para o professor E, um dos problemas centrais é o fato de o Brasil ser um

país subdesenvolvido, que necessita muito de investimento em questões básicas como saúde, educação e segurança. Tendo em vista essa carência em tais setores, a verba destinada ao esporte acaba saindo “cara”, já que o custo de uma medalha olímpica e de um ginasta não é barato segundo o entrevistado. Ele ainda menciona a má aplicabilidade do valor de “1%” (o valor real é de 2%) do montante de loterias que é destinado aos esportes no Brasil, ou seja, há uma certa tendência a tais recursos se concentrarem mais em algumas confederações.

Para Almeida e Marchi Jr., (2011), é possível perceber uma centralização das decisões no Comitê Olímpico Brasileiro (COB), que é a entidade responsável por aceitar ou refutar os projetos das confederações que receberão os recursos através da lei Agnelo-Piva. Esse modelo fechado, burocratizado, autoritário e centralizador, está evidenciado na distribuição de verbas para as confederações brasileiras (ALMEIDA e MARCHI JR, 2011).

Portanto, essa disparidade em relação aos recursos provenientes da lei Agnelo-Piva, acaba refletindo em muitos esportes assim como na ginástica, o professor E ainda conclui que: com a concentração da verba nas entidades responsáveis pelo repasse dos recursos, a popularização da ginástica com o intuito de levar qualidade de vida, torneio nas escolas e equipamentos para a prática nasce “morta”.

— *Não é barato você montar um ginásio de ginástica e eu acho, particularmente, que o governo não tem muito interesse nisso não tá?* (Professor F).

O professor F corrobora com os outros em relação à ginástica ser um esporte caro, de equipamentos com custo elevado e difíceis de se adquirir, e ainda complementa sua opinião dizendo que o governo não tem muito interesse em investir.

Ele comenta sobre o futebol, que diferentemente da ginástica, tem muito dinheiro envolvido. No caso do futebol, ele é gerido pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF) e possui diversos patrocinadores como Itaú, Vivo e Nike, sendo a única confederação brasileira que não possui patrocínio de empresas estatais (ALMEIDA e MARCHI JR, 2011).

Para esses autores, pode-se constatar um maior interesse das empresas multinacionais em patrocinar esportes considerados “bem vistos” internacionalmente, já alguns esportes mais efetivos no âmbito nacional, geralmente atraem o interesse de empresas com capital público:

[...] podemos observar as diferentes estratégias que empresas do campo econômico utilizam com o patrocínio ao esporte no Brasil. Na modalidade mais visível internacionalmente e que possui como capital simbólico a característica de melhor do mundo, várias empresas multinacionais, que também são bem estabelecidas no mercado internacional, têm interesse no patrocínio. Modalidades com menor expressão internacional, porém com importância dentro do contexto brasileiro, têm o apoio de empresas com capital público. (ALMEIDA e MARCHI JR 2011 p. 172).

No caso das empresas que patrocinam com capital público, citamos o exemplo da própria ginástica, que é patrocinada pela Caixa Econômica Federal.

No que se refere ao TOP, o professor F afirmou ser um bom investimento em atletas no sentido de que o atleta que recebe a bolsa não irá “onerar a família”, ou seja, os custos com acessórios, alimentação, viagens e outros, ficam por conta da bolsa e isso não reflete tanto no orçamento da família. Por outro lado, ele cita exemplos de outros países, nos EUA a cultura do ‘patrocínio’ é normal de se encontrar, no início da carreira esportiva os atletas são custeados pelos pais sem quaisquer ajuda do governo, conforme for seu desempenho e seus resultados, futuramente o investimento por parte das políticas públicas começam a surgir para o atleta que esteja despontando no cenário de competições importantes. O professor diz conhecer bem a realidade da Alemanha, assim como nos EUA que não tem um investimento de bolsa para atleta, a ajuda se dá pela isenção fiscal da família em relação aos tributos a se recolher.

Ainda de acordo com o professor F, ao falar sobre o bolsa atleta, ele afirma ser uma boa iniciativa, mas que não é o suficiente para atletas, ainda complementa questionando a destinação da bolsa por parte do governo e confederações.

Agora entraremos na categoria de organização e administração da GA no Brasil, e nessa categoria buscou-se saber o conhecimento dos entrevistados sobre programas e projetos destinados à GA no país, e, suas opiniões sobre a estrutura da modalidade na cidade de Curitiba.

Na opinião do treinador B a administração da GA no Brasil é muito ruim, segundo ele o foco das pessoas que estão a frente de cargos administrativos não é de massificar o esporte, e sim seus próprios interesses. Quando morava no Brasil, o treinador se incomodava com a situação da escassez de cursos para formação de novos profissionais, por que os melhores técnicos do mundo estavam atuando no país e os cursos não aconteciam. Para ele a CBG não organizava esses eventos

com o intuito de se manterem no poder, de não expandir conhecimento às pessoas e assim tudo fica concentrado em um grupo seletivo. — *Na minha opinião a administração da ginástica no Brasil é muito ruim. Tínhamos os melhores técnicos do mundo trabalhando no Brasil e nada de cursos para formar outros técnicos* (Treinador B).

Esse pensamento do treinador B, entra em conformidade com o estudo realizado por Nunomura e Oliveira (2012), em que analisaram a perspectiva dos treinadores brasileiros sobre o Centro de Excelência de Curitiba (2001-2008), a maioria dos treinadores afirmaram que a CBG deveria ter ofertado aperfeiçoamento profissional a eles, aproveitando a estadia dos treinadores estrangeiros. Havia interesse em se aprimorar, mas não havia iniciativa por parte da CBG (NUNOMURA & OLIVEIRA, 2012).

Em relação aos programas e projetos, o treinador relatou conhecer alguns em Curitiba, mas por estar vivendo fora do país há quase 3 anos, acredita que alguma coisa tenha mudado. Ele cita o programa da Federação Paranaense de Ginástica (FPG), que leva a ginástica de base até alguns municípios do estado e os projetos oferecidos à comunidade em algumas universidades podendo chegar até ao alto nível.

Sobre a estrutura da GA em Curitiba, o treinador B diz ser muito limitada, cita o CEGIN como grande centro de referência, mas é muito fechado para a prática e também para formar novos técnicos. É importante lembrar que o CEGIN há muito tempo adota um modelo de treinamento russo, como já descrevemos.

De acordo com Nunomura e Oliveira (2012), na esfera internacional da GA, alguns centros de treinamento na Rússia são sinônimos de sucesso há décadas e se tornaram referências mundiais na formação de grandes nomes da ginástica. Nestes locais, os ginastas treinam em regime de internato num sistema de concentração permanente (NUNOMURA E OLIVEIRA 2012). É claro que hoje em dia a seleção permanente de ginástica artística não está mais no CEGIN, o que nos leva a crer que aconteceram mudanças na forma de gerir o clube, até por que o investimento que ali era empregado, hoje não existe mais, mas o modo fechado de treinamento, limitação de técnicos e seletividade ainda permanece.

Ainda sobre a estrutura de Curitiba o treinador B cita outros locais como algumas escolas, UFPR, SpinFlip, e Clube Duque de Caxias. Esses locais segundo ele são limitados para desenvolver um nível mais avançado de ginástica, ou têm um

outro foco que não seja a ginástica, relata o treinador.

No que concerne à organização e administração, o treinador A pondera, afirmando que deixa a desejar em algum momento, mas que a gestão da federação paranaense está em processo de mudança, antes a sede era em Curitiba e agora passa a ser em Londrina. Com a nova gestão muitas coisas estão sendo renovadas, por exemplo as músicas e coreografias de festivais que eram as mesmas desde o ano de 2010, segundo o entrevistado. De acordo com o treinador, a nova gestão está realizando um trabalho de atualização, de renovação das coreografias de festivais e também de aparelhos dos pólos de ginástica, o que segundo ele estaria há muito tempo acomodado. Portanto, o trabalho está sendo realizado, mas ainda tem muita coisa a se fazer.

Sobre os programas e projetos de GA, o treinador comenta sobre as escolinhas de talento do Paraná (pólos), que estão implantados em algumas cidades do estado.

Ao falar sobre a estrutura para a prática de GA em Curitiba, o treinador A definiu como precária — *A aparelhagem da maioria tá bem precária, precisa de mais material, precisa de mais investimento, não dá pra dizer que tá ótimo porque nós temos um centro de referência, porque é só um lugar, de toda cidade e é um lugar que a aparelhagem boa é mais elitizada né? Não são todos que usam* (Treinador A). Ele aponta o CEGIN como grande centro de referência em toda a cidade, e, ainda sobre o CT, faz-se importante comentar que a aparelhagem que lá se encontra é elitizada, segundo o treinador não são todas as crianças e atletas que usufruem de todo espaço e aparelhos.

O restante dos locais da cidade conta com a aparelhagem velha e espaço não adequado, por isso o entrevistado enfatiza a necessidade de mais investimento. Em estudo semelhante a este, Lima et al. (2016), apontam que no estado de São Paulo, principalmente em prefeituras e órgãos não privatizados, as condições em que os atletas treinam não chegam perto da considerada ideal, o que nos remete a pensar em um problema bem mais amplo, identificando poucas condições de desenvolvimento do esporte em todo o país.

— *Acredito que seja uma estrutura precária né? A gente tem um grande ginásio que é equipado digamos que “completamente”, mas esse “completamente” dele é voltado totalmente para o feminino* (Treinador C).

As palavras do treinador C, vão ao encontro às do treinador A. O mesmo se

refere à estrutura de Curitiba como precária e também aponta um grande ginásio como referência (CEGIN). O entrevistado faz um importante apontamento no que diz respeito à aparelhagem e a estrutura do CEGIN, o espaço comporta apenas aparelhos voltados à Ginástica Artística Feminina (GAF), o que na sua opinião acaba excluindo a 'massa masculina'. O treinador parte do princípio de que na escolinha as crianças do sexo masculino são inclusas, podem ter sua iniciação no esporte normalmente, mas se quiserem seguir uma carreira de atleta acabam tendo que abandonar o esporte ou partirem para outro estado que possua a modalidade bem consolidada no masculino, por que o maior centro de ginástica do Paraná não oferece a estrutura para o desenvolvimento da Ginástica Artística Masculina (GAM).

Analisando o histórico da GAM brasileira, pode-se constatar um déficit em relação à GAF, pois os investimentos sempre foram distintos, como observamos na implantação da seleção permanente e a vinda de técnicos estrangeiros, resultando nas conquistas da GAF na década dos anos 2000.

Essa afirmação corrobora com a pesquisa realizada por Nunomura e Oliveira (2012), sobre o CT de Curitiba, os autores ressaltam a relevância da estrutura física nos resultados obtidos pela GAF nos ciclos olímpicos de 2001-2004 e 2005-2008.

Segundo Oliveira e Bortoleto (2009), a GAM brasileira possuía problemas característicos do esporte amador. Faz-se importante rememorar, que, a GAF passou por problemas de amadorismo também em sua gestão por alguns anos. Em relação à modalidade masculina, isso é um quadro que ao passar dos anos vem mudando, pois ainda de acordo com os autores, com a melhora nos resultados internacionais, demonstra-se a velocidade com que a GAM vem evoluindo e se desenvolvendo no país.

Não podemos deixar de mencionar as conquistas de Diego Hypolito, antigas e também recentes, como a medalha de prata nos jogos olímpicos do Rio de Janeiro (2016), no solo; assim como as conquistas de Arthur Zanetti, medalha de ouro nos Jogos Olímpicos de Londres (2012) e prata no Rio de Janeiro, nas argolas; e a medalha de bronze de Arthur Nory, nos Jogos Olímpicos do Rio, no aparelho de solo.

Em relação aos programas e projetos, o treinador C menciona o projeto da Universidade Federal do Paraná (UFPR), que possui uma verba destinada a projetos, mas que passou anos lutando por novos materiais, ele cita o solo que foi uma grande conquista onde se permite a prática do esporte. Outro local que já teve

sua importância para a ginástica em Curitiba, é a Praça Oswaldo Cruz, também citada pelo treinador C, esse local permaneceu vários anos fechado para reforma, recentemente o centro esportivo da praça foi reaberto, mas passou por alguns problemas no período de 2014 a 2018, em relação ao atraso das obras, licitações, problemas com moradores da região e problemas sociais com moradores de rua e usuários de drogas⁹.

Sobre a Praça Oswaldo Cruz, o professor F corrobora com o treinador C, o professor relembra uma competição importante que acontecia duas vezes por ano, chamada de Interpolos, onde as equipes de todos os polos de GA do Paraná se encontravam para uma disputa, com a extinção do polo de Curitiba, que se situava na Praça Oswaldo Cruz, o professor conclui afirmando — *morreu né?* (Professor F).

— *Eu ainda acho precária, descartando o centro de capacitação esportiva do tarumã, o resto eu acho muito precário* (Professor F).

Também em conformidade com todos os entrevistados, o professor F define a situação da estrutura de Curitiba como precária, ele aponta que pelo tamanho da cidade a situação é ruim e também cita apenas o CEGIN como um bom CT para treinamento, atribuindo a precariedade aos demais locais que oferecem a prática da GA.

Na quarta e última categoria sobre o desenvolvimento da ginástica, buscou-se saber a opinião dos entrevistados sobre o crescimento da modalidade no alto rendimento, sobre a prática na infância das crianças brasileiras e pontos a melhorar em relação à gestão do esporte no país.

No que diz respeito ao crescimento da GA de alto rendimento no Brasil, o treinador C enfatiza a falta de investimento e especificamente em Curitiba, a falta da base, da massificação do esporte. Segundo ele, se não houver esse trabalho de base, fica difícil conseguir um número bom de atletas para o futuro, como acontece na china e em outros países onde o montante de crianças praticando o esporte é grande, e assim se torna mais fácil de selecionar os mais talentosos para seguirem no alto nível.

Nunomura (2004), elucida que na China o esporte representa uma ferramenta política e uma forma de estabelecer contato com o resto do mundo.

⁹ Informações retiradas do site do jornal Gazeta do Povo, disponível em:< <https://www.gazetadopovo.com.br/curitiba/com-obra-atrasada-praca-oswaldo-cruz-e-tomada-por-moradores-de-rua-e-drogados-e0d43usdyunyh49m6070my3i/>>. Acesso em: 03/10/2018.

Consequentemente, o governo investe intensivamente neste setor, embora o esporte não seja acessível a todos, mas somente àqueles cujos talentos são identificados ainda com pouca idade.

Ainda de acordo com a autora a excelência no esporte é buscada através dos profissionais altamente especializados que dedicam tempo integral na formação dos atletas.

O treinador C ainda menciona uma certa decadência na GAF. No que se refere à GAF, esse pensamento do treinador entra em discordância com Schiavon et al., (2013), quando compararam a situação da GA de gerações antigas com as gerações atuais, para os autores as ginastas da atualidade dispõem de uma infraestrutura diferenciada: ginásios, aparelhos, apoio técnico e financeiro e equipe multidisciplinar nas áreas de nutrição, psicologia, fisioterapia, medicina, entre outras. Esses benefícios contaram com a contribuição dessa antiga geração, mas não foram divulgados pela mídia.

Ainda segundo os autores, os efeitos desse suporte amplo, impactaram de forma decisiva no crescimento dos resultados absolutos da seleção brasileira, nos Jogos Olímpicos de 2004 e 2008, em que as atletas da GAF alcançaram os melhores desempenhos até então (SCHIAVON et al., 2013). É necessário que se faça uma ressalva, o fato de a seleção ter realizado esses feitos importantes para a GA brasileira, não reflete, neste caso, um sistema bem organizado de desenvolvimento da modalidade no país (SCHIAVON et al., 2013).

O treinador C afirma que a GAM obteve um grande incentivo, corroborando com Oliveira e Bortoleto (2009), os autores elucidam que a modalidade gradualmente passou a atrair um número maior de praticantes, de profissionais, técnicos estrangeiros, principalmente do leste europeu, permitindo o intercâmbio internacional de técnicos e atletas.

Quando perguntado se a ginástica artística era bem difundida na infância das crianças brasileiras, o treinador foi direto. — *Não! Eu acredito que a maior parte, o país em geral não aproveita um dos melhores esportes pra desenvolvimento infantil e pra desenvolver todas as capacidades das crianças* (Professor C).

Tsukamoto e Nunomura (2008), evidenciam que a prática de atividades físicas e esportivas desempenha um papel importante na vida do ser humano, portanto deveria ser incentivada desde a infância.

Segundo Nunomura, Pires e Carrara (2009), em uma modalidade técnica

como a GA, é essencial estimular as capacidades coordenativas o mais cedo possível, pois há um período ótimo para o seu desenvolvimento. Complementando, ainda explicam que o desenvolvimento das capacidades coordenativas também é importante para a aprendizagem de novos movimentos.

A coordenação motora adquirida através da GA é de extrema valia para o repertório motor de uma criança. Para Barbanti (1996) e Weineck (1999) a coordenação motora auxilia na adaptação e readaptação dos movimentos em relação ao ambiente e às situações diversas, na ampliação do repertório motor e no aumento da eficácia para o aperfeiçoamento de novos movimentos.

O treinador B, por sua vez, considerou que a GA obteve um crescimento dentro do alto nível no Brasil, se, comparado há 20 anos. Mas ele ressalta que há um grande caminho a ser percorrido ainda. — *Quando comparo a ginástica no Brasil e nos EUA (que tenho experiência, pois trabalho nos EUA), somente no estado que trabalho (New Jersey) contei 100 ginásios de ginástica que podem oferecer desde iniciação até alto nível. Não acho que seja bem difundida. Não vejo ginástica nas escolas tão frequentemente* (Treinador B).

Fazendo uma comparação entre EUA e Brasil, o treinador revela o quanto a realidade do país norte-americano se distancia do que encontramos no Brasil. Para ele a diferença não está somente no alto nível da modalidade ou nas conquistas das seleções dos dois países, mas sim no trabalho de base e nas condições que fazem os EUA ser mais vencedor. Por exemplo, de acordo com o treinador B, somente no estado onde reside, em New Jersey, que possui uma população estimada em 9,032.872 (nove milhões, trinta e dois mil e oitocentos e setenta e dois) de habitantes para o ano de 2018¹⁰, foi possível identificar 100 ginásios¹¹ de GA que podem oferecer desde a iniciação ao esporte, até o alto nível. O treinador ainda salienta. — *Não acho que no Brasil inteiro temos esse número de ginásios.* (treinador B).

Esses números citados pelo entrevistado, em relação à quantidade de ginásios em New Jersey, possuem uma alta discrepância se colocados frente aos números do Brasil. Pode-se constatar tal fato, na fala do treinador A que cita no seu conhecimento um ginásio no Paraná, dois ginásios em São Paulo, no máximo, e um

¹⁰ Informações retiradas do site World Population Review, disponível em: <<http://worldpopulationreview.com/states/new-jersey-population/>>. Acesso em: 06/10/2018.

¹¹ Informações retiradas do site USA GNJ, disponível em: <<http://usagnj.com/map-of-nj-clubs/>>. Acesso em: 06/10/2018.

no Rio de Janeiro. Ressalta-se que o treinador se refere à ginásios que oferecem o alto rendimento no esporte.

No que tange à expansão e à prática da ginástica na infância das crianças brasileiras, o treinador B foi sucinto, afirmando que o esporte não é bem difundido e que não o vê nas escolas frequentemente. Segundo o treinador, os professores de Educação Física não possuem qualificação adequada para tal função. Ele ainda pondera que alguns possuem o diferencial de trabalhar a ginástica e muitas outras atividades riquíssimas, mas considerando o país inteiro, não considera que seja bem difundida. Para Nunomura e Nísta-Piccolo (2008), é preciso levar a modalidade para o contexto da escola com a intenção de ampliar o acesso de crianças à GA, proporcionando um conhecimento a mais dentro da diversidade da cultura corporal inserida no currículo de Educação Física.

Junior et al., (2012) corroboram com as autoras, no sentido de que os elementos básicos de movimentação da GA são essencialmente variados e, se aplicados com uma visão educativa, tornam-se fundamentais para as aulas de Educação Física escolar.

O professor E atribui a falta da ginástica nas escolas à Educação Física de má qualidade, passando por gestão e por professores. Ele cita a importância dos planos curriculares municipais, ou seja, as diretrizes curriculares nas quais as aulas deveriam ser baseadas, mas muitas vezes nem o professor as conhece.

A diretriz curricular de Curitiba, no que diz respeito a corpo e movimento, declara:

A criança apreende a cultura corporal e desenvolve equilíbrio, ritmo, resistência, velocidade, força e flexibilidade corporal, principalmente por meio de jogos, brincadeiras, danças e eventos culturais. Na instituição de Educação Infantil, ações e espaços precisam ser planejados cuidadosamente para que as crianças possam desenvolver e ampliar seus recursos de comunicação corporal, com desafios que possibilitem a elas a superação de limites e avanços em sua condição de situar-se no ambiente, de explorá-lo com segurança e autonomia, conquistando aos poucos novas formas de expressão e movimento (CURITIBA, 2006).

O professor comenta que não mudaria em nada essas diretrizes, pois na sua visão, elas são perfeitas. Complementando as diretrizes curriculares de Curitiba, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), a Educação Física é a disciplina responsável por apresentar aos alunos o universo da cultura corporal, através de várias estratégias e metodologias inerentes à Educação Física Escolar e

que estão contidas nos conceitos da educação psicomotora (BRASIL, 1997).

O professor E ainda faz uma menção aos quatro esportes mais praticados nas escolas (públicas e particulares), são eles: futsal, voleibol, handebol e basquete. Segundo ele, esses esportes têm exclusividade dentro das escolas e esse é um paradigma que precisa ser mudado. Esportes de lutas, ginásticas (artística e rítmica), rugby, dança e outras modalidades são negligenciadas de acordo com a opinião do entrevistado. — *O Brasil não tem uma Educação física de qualidade* (Professor E).

Nunomura e Nísta-Piccolo (2008), apontam um fator determinante para a dificuldade do desenvolvimento da GA no ambiente escolar, se trata do alto custo do material oficial do esporte, que se comparado ao custo de bolas para a prática dos outros esportes, onera o orçamento de muitas escolas. As autoras complementam a realidade da situação expondo que quando o professor consegue justificar a compra de materiais para desenvolver a modalidade, esbarra na falta de local apropriado para sua instalação (NUNOMURA & NÍSTA-PICCOLO, 2008).

— *Se a gente conseguisse isso na escola, ia ser show de bola, aí a coisa ia deslanchar né?* (Professor F).

Os professores corroboram no fato de que a ginástica precisa ser mais difundida nas escolas, para o professor F, o problema vai além de apenas estrutura física, segundo ele se trata de uma questão cultural em relação à formação de professores e o fato de que alguns profissionais têm medo de trabalhar com a GA.

O medo o qual o professor F se refere, pode ser melhor entendido através do estudo conduzido por Nunomura (2001), sobre a formação profissional de técnicos de GA, o estudo esclarece que o conteúdo oferecido pelas universidades na matéria de ginástica dos cursos de graduação, não são suficientes para o acadêmico sair com um embasamento mínimo sobre o esporte, isso se dá pelo fato de o conteúdo ser muito básico, dando subsídio apenas para trabalhar uma iniciação no esporte. A autora conclui que não seria na universidade que o técnico encontraria aporte para avançar nessa carreira (NUNOMURA, 2001).

Isso nos remete novamente à importância dos cursos de especialização em ginástica artística. Em outro estudo conduzido por Nunomura e Nísta Piccolo (2003), as autoras buscaram saber a opinião de técnicos da Federação Paulista de Ginástica, a respeito da formação que obtiveram, expectativas, frustrações e etc. A maioria dos técnicos participou de algum curso extracurricular, indicando a sua

necessidade e busca por mais especialização, indicando que os cursos de aperfeiçoamento são imprescindíveis para a melhoria de sua qualidade como técnico de ginástica (NUNOMURA & NÍSTA-PICCOLO, (2003).

A respeito dos pontos que podem ser melhorados em busca do desenvolvimento do esporte, o professor D afirma não ser positivo a CBG lidar com tantas modalidades ginásticas, principalmente para as menos difundidas, como a Ginástica Aeróbica e Ginástica Acrobática. O professor propõe uma divisão, assim cada modalidade poderia ser gerida de acordo com sua especificidade. — *Acho que talvez devesse existir uma divisão melhor sobre cada modalidade de ginástica* (Professor D).

Ratificando esse pensamento, Dantas et al., (2018) realizaram um estudo de caso sobre a Federação Cearense de Ginástica (FCG). O objetivo do estudo foi identificar as ações administrativas, financeiras e técnicas relacionadas à gestão da entidade e seu desenvolvimento nas modalidades ginásticas a ela filiadas, eles constataram que a principal dificuldade que a FCG enfrenta é a financeira, pois desenvolver diferentes modalidades, como é o caso de federações de ginástica, demanda muito investimento.

Outro ponto comentado é o envolvimento da mídia nesses esportes menos conhecidos, o entrevistado acredita que se fossem mais divulgados, seriam mais aderidos pelas pessoas, haveria um interesse maior, assim como no futebol, voleibol e handebol, de acordo com sua opinião. Segundo o professor D, o apoio ocorre somente em época de olimpíadas.

Contudo, Bortoleto, Ferreira e Rodrigues (2011), afirmam em seus achados que a exposição mediática da GA vem crescendo, especialmente a partir de 2003, porém, comparada a outras modalidades esportivas (como o futebol ou o vôlei), ainda ocorre em menor escala. Para Campestrini (2016), o primeiro passo para a evolução do esporte é efetivamente quebrar esse paradigma, construindo relacionamentos mais saudáveis com a mídia, entendendo seus anseios e demandas.

O professor D também revela a dificuldade da gestão da federação paranaense, que muitas vezes é feita por pessoas que não têm a administração da entidade como emprego principal, são pessoas em prol da ginástica que tentam de alguma forma manter tudo funcionando. Por exemplo, segundo o professor, não deve ter uma pessoa responsável por publicidade e propaganda, marketing digital,

ou seja, especialistas nessas áreas que façam um trabalho de divulgação de competições, cursos e afins, para que a informação chegue até as pessoas que a desconhecem.

Para o professor F, para melhorar o desenvolvimento da ginástica no Brasil, seria ideal se houvesse uma conjunção de três esferas: Ministério do Esporte, Ministério da Educação e Confederação Brasileira de Ginástica. Para esse mesmo professor, o Ministério do Esporte segue um viés em relação ao desenvolvimento das modalidades, mesmo nas coletivas, ele cita o futebol e voleibol como bem desenvolvidos, mas o handebol, fica à mercê do mal planejamento e falta de investimento.

No entanto, de acordo com o professor, precisa-se enxergar o real interesse do ministério em difundir a GA como cultura de prática no Brasil. — *Isso vai mudando de gestão para gestão, por exemplo, se a Daiane dos Santos fosse nomeada para ministra dos esportes, com certeza os investimentos na GA seriam em grande escala.* (Professor F).

O treinador B foi consistente ao afirmar a desvalorização do técnico de ginástica no Brasil, para ele muitos estão saindo do país em virtude desse fato. Ele complementa dizendo que a partir do momento que houver por parte dos gestores a valorização do profissional, tratamento justo, o bom trabalho que é realizado no Brasil pode melhorar mais ainda.

Essa afirmação aparece em conformidade com a explanação de Nunomura (2004), que enfatiza que um sistema de formação profissional parece ir de encontro às necessidades de muitos profissionais que atuam ou pretendem atuar nesta modalidade. Hoje em dia o entrevistado (treinador B), trabalha nos EUA e conhece vários outros treinadores que também foram embora, ele relata que surgiu a oportunidade e devido às condições de desvalor enfrentadas no Brasil, decidiu exercer sua profissão fora do país. Pode-se associar tal fenômeno à fraca cultura da prática do esporte no país.

Nunomura (2001), cita vários programas de formação de treinadores em outros países, alguns chegam a oferecer vários níveis e o ingresso com a idade mínima de 16 anos, sem precisar de uma graduação em Educação Física.

O treinador B acredita que quando a gestores passarem a pensar em estratégias de gerenciamento para treinadores e ginastas, as coisas começarão a mudar.

5 CONCLUSÃO

Perante os achados obtidos no estudo, podemos analisar vários pontos que nos foram expostos. A GA brasileira se encontra em constante evolução no alto nível, mas esse processo é lento e deixa a desejar em alguns momentos. O fato é que tal processo demanda investimento, mas devido às limitações do Estado, de gestão de entidades responsáveis pelo desenvolvimento do esporte e a falta da culturalização da modalidade, acaba sendo um esporte pouco acessível, tanto para praticantes, quanto até mesmo para espectadores.

Observamos nas falas de profissionais envolvidos com a GA, pessoas com vasta experiência, e também considerando os achados na literatura, quão rica a modalidade é para o desenvolvimento cognitivo, motor e social da criança. Se por um lado é possível enxergar um crescimento no alto rendimento com medalhas em campeonatos mundiais e Jogos Olímpicos, por outro lado enxergamos a imensa lacuna que é atribuída à GA no contexto da iniciação no esporte.

Não existe planejamento consolidado para a formação de atletas em todo o país e não existe a base para a massificação da modalidade, logo, partimos do princípio de que a má distribuição de recursos para o esporte é um fator primordial para esse acontecimento, sendo o esporte de alto rendimento o mais beneficiado. Com a falta de recursos para a aplicação da GA em escolas e projetos, o que se vê é a infraestrutura obsoleta de alguns lugares, carência de material, espaços inadequados para a prática, falta de segurança, profissionais mal capacitados entre outros problemas.

Fomentar o esporte como princípio para uma educação de qualidade, parece ser a chave do sucesso, mas além do incentivo em escolas e projetos, esbarramos na questão da cultura da prática. Se tratando de ginástica artística, inúmeros paradigmas e mitos sobre a modalidade precisam ser derrubados, isso talvez possa ser um fator negativo e limitante, que acaba formando um pré-conceito generalizado em relação ao esporte.

Quanto aos objetivos deste estudo, os achados nos revelam uma situação crítica da modalidade na capital paranaense com relação a projetos, infraestrutura e financiamento. Existem pouquíssimos locais para a prática do esporte, contendo apenas um CT de alto rendimento, com algumas limitações expostas por alguns participantes desta pesquisa, como o regime fechado de treinamento, pouca

abertura para outros treinadores e apenas aparelhos de GAF (Ginástica Artística Feminina). Os outros locais como clubes, academias e escolas, dispõem de equipamentos básicos ou espaço limitado para a prática.

Quanto ao financiamento público da modalidade na cidade, os resultados mostram que o CEGIN e suas atletas possuem ajuda do poder público, através do bolsa atleta, do TOP e da Lei de Incentivo ao Esporte. Os demais locais são privados e por isso não contam com recursos do governo, exceto os projetos das regionais de Curitiba, administrados pela prefeitura.

Portanto, conclui-se que o presente estudo seja importante para a comunidade científica na área, no entanto possui algumas limitações, como o número de participantes e apenas uma cidade a ser mapeada. Diante disso, se faz necessária a realização de mais estudos sobre o tema, buscando mapear o desenvolvimento da ginástica em outros estados, assim será possível traçar um panorama mais abrangente do problema e ampliará o suporte para futuras pesquisas no âmbito acadêmico.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, B. S; MARCHI JR, W. **Comitê Olímpico Brasileiro e o Financiamento Das Confederações Brasileiras**. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Florianópolis, v. 33, n. 1, p. 163-179, jan./mar 2011.
- ARKAEV, L. I; SUCHILIN, N. G. **Gymnastics: how to create champions**. Oxford: Meyer & Meyer Sport, 2004.
- ÁVILA, I. S. **Análise do projeto de ginástica artística oferecido pela prefeitura municipal de Americana – SP**. 2010. 83f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)- Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.
- BARBANTI, V. **Treinamento físico: bases científicas**. São Paulo: CLR Baliero, 1996.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 1979.
- BECKER, Jr., B. **Manual de psicologia do esporte & exercício**. Porto Alegre, RS: Novaprova, 2000.
- BOGDAN, R.C; BIKLEN, S.K. **Investigação Qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. 1. ed. Portugal. Porto Editora, 1994. 335 p.
- BORTOLETO, M. A. C; FERREIRA, M. C; RODRIGUES, R. G. S. A. **A influenciada mídia impressa sobre a prática da ginástica artística na cidade de Campinas, SP**. Edf Esportes.com, Revista digital. Buenos Aires – Año 16 – 156 Mayo de 2011.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**: Texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988.
- BRASIL. **Lei Agnelo/Piva: recursos perenes para investimento no esporte brasileiro**. 2016. Disponível em <<http://www.brasil2016.gov.br/pt-br/megaeventos/paraolimpiadas/investimento/leignelopiva>> Acesso em: 15 nov. 2018.
- BRASIL. **Lei nº 11.438 de 29 de dezembro de 2006**. Dispõe sobre incentivos e benefícios para fomentar as atividades de caráter desportivo e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF. 29 dez. 2006. Seção 1, p1.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física/Secretaria de Ensino Fundamental (1º e 2º Ciclos)**. Brasília: MEC/SEF, 1997b.
- CAMPESTRINI, G. R. H; **Plataforma de Negócios do Esporte**: a gestão do esporte orientada para o mercado. 1. ed. Curitiba: Prismas, 2016. 306 p.
- CURITIBA, Prefeitura Municipal. **Crianças têm aula de ginástica artística em três regionais**. 2017. Disponível em: <<http://www.curitiba.pr.gov.br/noticias/criancas-tem->

aulas-de-ginastica-artistica-em-tres-regionais/42782>. Acesso em: 15 nov. 2018.

CURITIBA, Prefeitura Municipal. **Diretrizes Curriculares Para a Educação Municipal de Curitiba**. Volume 2. Educação Infantil. Curitiba, 2006. p 99.

DANTAS, C. R; LIMA, L. B. Q; REIS, L. N; BASTOS, F. C. **Gestão da Federação Cearense das Ginásticas – Um Estudo de Caso baseado no modelo SPLISS**. Revista de Gestão e Negócios do Esporte (RGNE). São Paulo – Vol. 3 – N. 1, 35-49, jan-jun/2018.

DE BOSSCHER, V.; DE KNOP, P.; VAN BOTTENBURG, M.; SHIBLI, S.; BINGHAM, J. **Explaining international sporting success: an international comparison of elite sport systems and policies in six countries**. Sport Management Review, Sydney, v. 12, n. 3, p. 113–136, 2009.

DIGEL, H. **The Context of Talent Identification and Promotion: A Comparison of Nations**. New Studies in Athletics, v.17, n. ¾, p.13-26, 2002.

DORO, B. **Crise tira ucraniano Oleg Ostapenko da ginástica artística do Brasil**. 2015. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/paywall/signup.shtml?https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2015/12/1713455- crise-tira-ucraniano-oleg-ostapenko-da-ginastica-artistica-do-brasil.shtml>>. Acesso em: 15 nov. 2018.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009. 405 p.

FARIA, V. **Com obra atrasada, praça Oswaldo Cruz é tomada por moradores de rua e drogados**. 2017. Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/curitiba/com-obra-atrasada-praca-oswaldo-cruz-e-tomada-por-moradores-de-rua-e-drogados-e0d43usdyunyh49m6070my3i/>> Acesso em: 03 out. 2018.

GHIROTTI, F. M. S. In: NUNOMURA, M.; NISTA-PICCOLO, V. L. (Org.). **Compreendendo a ginástica artística**. São Paulo: Phorte, 2008.

JUNIOR, C.F; ALVARENGA, J. P. P; VIANA, M. A. S; NETO, N. T. A. **A Ginástica Artística Como Conteúdo da Educação Física Escolar**. Persp. Online: biol & saúde, Campos dos Goytacazes, 5 (2), 12-22, 2012.

LIMA, L. B. Q; MURBACH, M. A; FERREIRA, M. D. T; SCHIAVON, L. M. **Análise das condições de desenvolvimento da ginástica artística no Estado de São Paulo**. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, (São Paulo) 2016 Jan-Mar; 30(1):133-43.

MARCHI JR, WANDERLEY. **O Esporte “em cena”: perspectivas históricas e interpretações conceituais para a construção de um modelo analítico**. The Journal of the Latin American Socio-cultural Studies of Sport, Curitiba, v. 5, n. 1, p. 46-67, 2015.

MARCHI JR, WANDERLEY. Desporto. In.: GONZÁLEZ, F. J.; FENSTERSEIFER, P. E. (org.). **Dicionário Crítico da Educação Física**. Ijuí: Unijuí, 2005.

MORAES E SILVA, M; SANTOS, NATASHA; CORRÊA, A. J. A Configuração do Financiamento do Governo Brasileiro ao Esporte de Alto Rendimento: apontamentos iniciais., In: MEZZADRI, F. M. (Org.). **Políticas Públicas e Esporte**. Várzea Paulista, SP: Fontoura, 1. ed. 2014.

NUNOMURA, M. **A Formação dos Técnicos de Ginástica Artística**: os modelos internacionais. Revista brasileira Ciência e Movimento. Brasília v. 12 n. 3 p. 63-69. 2004.

NUNOMURA, M; PIRES, F. R; CARRARA, P. **Análise do Treinamento na Ginástica Artística Brasileira**. Rev. Bras. Cienc. Esporte, Campinas, v. 31, n. 1, p. 25-40, setembro 2009.

NUNOMURA, M. **Técnico de ginástica artística: uma proposta para a formação profissional I**. Campinas, SP: [s. n.], 2001.

NUNOMURA, M; OLIVEIRA, M. S. **Centro de excelência e ginástica artística feminina: A perspectiva dos técnicos brasileiros**. Motriz, Rio Claro, v.18, n.2, p.378-392, abr./jun. 2012.

NUNOMURA, M; NISTA-PICCOLO, V. L. **A ginástica artística no Brasil: reflexões sobre a formação profissional**. Rev. Bras. Cienc. Esporte, Campinas, v. 24, n. 3, p. 175-194, maio 2003.

NUNOMURA, M; NISTA-PICCOLO, V. L. **Compreendendo a Ginástica Artística**. 1 ed. São Paulo: Phorte, 2008. 181 p.

OLIVEIRA, A. F. S; TAFFAREL, C. N. Z & BELEM, C. M. **Infraestrutura Esportiva: Desenvolvimento de metodologias**. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Florianópolis, v. 36, n. 2, supl., p. S617-S635, abr./jun. 2014

OLIVEIRA, M. S. **A Evolução da Ginástica Artística Masculina nos Últimos 20 anos (1987- 2007)**. 2007. 100f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)- Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

OLIVEIRA, M. S; BORTOLETO, M. A. C. **A ginástica artística masculina brasileira no panorama mundial competitivo (1987-2008)**. Motriz, Rio Claro, v.15, n.2, p.297-309, abr./jun. 2009.

PUBLIO, N. S. **Evolução histórica da ginástica olímpica**. São Paulo: Phorte, 2002. 2. ed.

PUBLIO, N. S. Origem da ginástica artística. In: NUNOMURA, M.; NISTA-PICCOLO, V. L. **Compreendendo a ginástica artística**. São Paulo: Phorte, 2008. p. 15 – 26.

ROCHA, C. M; BASTOS, F. C. **Gestão do Esporte: definido a área**. Rev. bras.

Educ. Fís. Esporte, São Paulo, v.25, p.91-103, dez. 2011.

SCHIAVON, L. M; PAES R. R. **Condições dos treinamentos de ginastas brasileiras participantes de jogos olímpicos (1980-2004)**. Motriz, 2012;18:757-69.

SCHIAVON, L. M; PAES, R. R; TOLEDO, E; DEUTSCH, S. **Panorama da ginástica artística feminina brasileira de alto rendimento esportivo: progressão, realidade e necessidades**. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, (São Paulo) 2013 Jul-Set; 27(3):423-36.

SILVA, D. S; BORGES, C. N. F; AMARAL, S. C. F. **Gestão das políticas públicas do Ministério do Esporte do Brasil**. Rev Bras Educ Fís Esporte, (São Paulo) 2015 Jan-Mar; 29(1):65-79.

SILVA, S. A. P. S. **A Pesquisa Qualitativa em Educação Física**. Revista Paulista de Educação Física, v. 10, n.1, p.87-98, jao./jun., 1996.

SMOLEUSKIY, V; GAVERDOUSKIY, I. **Tratado general de gimnasia artística deportiva**. Barcelona: Paidotribo, 1996.

SOUZA, D. L; MORAES E SILVA, M; MOREIRA, T. S. **O Perfil da Produção Científica Online em Português Relacionada às modalidades Olímpicas e Paralímpicas**. Movimento. Porto Alegre. V.22. n. 4. 1105-1120. Out/Dez 2016.

STILL, C. **Manual de Gimnasia artística femenina**. Barcelona: Editorial Paidotribo, 1993.

TALENTO OLÍMPICO DO PARANÁ. **Regulamento**. 2018. Disponível em: <<http://www.top2020.uel.br/top2020/img/regulamentos/regulamento2018.pdf>> Acesso em 15 nov. 2018.

TEIXEIRA, M.R; MATIAS, W.B; CARNEIRO, F.H; MASCARENHAS, F.A. **O Programa Bolsa Atleta no Contexto Esportivo Nacional**. Motrivivência, Florianópolis/SC, v. 29, n. esp., p. 92-109, dezembro/2017.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

TSUKAMOTO, M. H. C; NUNOMURA, M. Considerações Sobre o Crescimento e a Maturação na Ginástica Artística. In: NUNOMURA, M; NISTA-PICCOLO, V. L. **Compreendendo a Ginástica Artística**. São Paulo: Phorte, 2008. p. 119 - 127.

TUBINO, MANOEL. **Estudos Brasileiros Sobre o Esporte**. CDD 21.ed. 796. Maringá: Eduem, 2010. 163 p.

TUBINO, M. J. G.; GARRIDO, F.; TUBINO, F. **Dicionário enciclopédico Tubino do esporte**. Rio de Janeiro: SENAC, 2006.

VALENTIM, M. L. P. **Cultura organizacional e gestão do conhecimento**. 2003. Disponível em: <https://www.ofaj.com.br/colunas_conteudo.php?cod=70>. Acesso

em: 15 nov. 2018.

WEINECK, J. **Treinamento ideal**. Trad. Beatriz Carvalho. São Paulo: Manole, 1999.

WORLD POPULATION REVIEW. **New Jersey Population 2018**. Disponível em:
<<http://worldpopulationreview.com/states/new-jersey-population/>> Acesso em: 06
out. 2018.

APÊNDICE 1 – TERMO DE CONSENTIMENTO

Termo de consentimento livre e esclarecido

Título da pesquisa: MAPEAMENTO DAS CONDIÇÕES DE DESENVOLVIMENTO DA GINÁSTICA ARTÍSTICA NA CIDADE DE CURITIBA/PR

Pesquisador: Rower Allan Ferreira da Silva

Responsável: Ana Paula Cabral Bonin Maoski

Você está sendo convidado (a) para participar da pesquisa intitulada “MAPEAMENTO DAS CONDIÇÕES DE DESENVOLVIMENTO DA GINÁSTICA ARTÍSTICA NA CIDADE DE CURITIBA/PR”, sob responsabilidade do pesquisador ROWER ALLAN FERREIRA DA SILVA orientado pela professora ANA PAULA CABRAL BONIN MAOSKI.

O objetivo desta pesquisa é descrever de que maneira a Ginástica Artística se desenvolve na cidade de Curitiba com base na infraestrutura para treinamento, financiamento e projetos municipais.

A minha participação no referido estudo será no sentido de:

1. Responder às perguntas da entrevista relacionada ao estudo.
2. A entrevista será semiestruturada.
3. Você não terá nenhum gasto, e nem ganho financeiro por participar desta pesquisa.

Confidencialidade: Em nenhum momento você será identificado. Os resultados da pesquisa serão publicados e ainda assim a sua identidade será preservada.

Entretanto, tendo como compromisso assumir a responsabilidade da utilização dos dados coletados, que serão destinados apenas para esta pesquisa. Os pesquisadores desta mesma forma assumem o compromisso da utilização dos dados conforme prescreve a ética profissional.

Riscos: Os participantes estarão sujeitos a riscos morais, tendo em vista que se trata de uma entrevista semiestruturada em que eventualmente, possam se sentir constrangidos com alguma indagação.

Benefícios: Diante da pouca oferta de trabalhos acadêmicos na modalidade em questão, pode-se inferir que o estudo será de grande valia para pesquisas futuras e até mesmo para gestores do esporte. Para os participantes, o benefício maior é o fato de se estar mapeando as condições de “sobrevivência” da modalidade a partir da infraestrutura que os mesmos utilizam, e dos programas que participam para se manterem de forma consolidada em sua trajetória.

Critérios de inclusão:

- Treinadores em atividade na capital paranaense ou que já trabalharam com a modalidade na cidade.
- Professores de universidades que lecionem a disciplina de ginástica na instituição de ensino em que exerce a docência.
- Assinar o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE).

Critério de exclusão: Serão excluídos os sujeitos que incorrerem nas seguintes situações:

- Todos os participantes que não responderem corretamente a entrevista.

Você pode deixar de participar da pesquisa a qualquer momento sem nenhum prejuízo ou coação.

Uma cópia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ficará com você e qualquer dúvida poderá ser esclarecida pelo telefone (41) 99849-0719 ou e-mail: rowerallan@hotmail.com a qualquer momento. Entrar em contato com Rower Allan Ferreira da Silva.

Declaro que li este termo e todas as minhas dúvidas com relação a minha participação me foram esclarecidas.

Eu declaro ter conhecimento das informações contidas neste documento e ter recebido respostas claras às minhas dúvidas a fim da minha participação direta (ou indireta) na pesquisa e, adicionalmente, declaro ter compreendido o objetivo, a natureza, os riscos e benefícios deste estudo.

Após reflexão e um tempo razoável, eu decidi, livre e voluntariamente, participar deste estudo. Estou consciente que posso deixar o projeto a qualquer momento, sem nenhum prejuízo.

Nome completo: _____

RG: _____ Data de Nascimento: ____/____/____ Telefone: () _____

Endereço: _____

CEP: _____ Cidade: _____ Estado: _____

Assinatura do entrevistado: _____

Data: ____/____/____

Eu _____ declaro ter apresentado o estudo, explicado seus objetivos, natureza, riscos e benefícios e ter respondido da melhor forma possível às dúvidas formuladas.

Assinatura do pesquisador: _____

Data: ____/____/____

Para todas as questões relativas ao estudo ou para se retirar do mesmo, poderão se comunicar com Rower Allan Ferreira da Silva ou via e-mail: rowerallan@hotmail.com ou telefone: (41) 99849-0719.

Endereço do Comitê de Ética em Pesquisa para recurso ou reclamações do sujeito pesquisado: Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (CEP/UTFPR). REITORIA: Av. Sete de setembro, 3165, Rebouças, CEP 80230-901, Curitiba-PR, telefone: 3310-4943, e-mail: coep@utfpr.edu.br

APÊNDICE 2 – TERMO DE COMPROMISSO DE UTILIZAÇÃO DE DADOS

TERMO DE COMPROMISSO DE UTILIZAÇÃO DE DADOS

Eu **Rower Allan Ferreira da Silva**, abaixo assinado, pesquisador envolvido no projeto de título: **MAPEAMENTO DAS CONDIÇÕES DE DESENVOLVIMENTO DA GINÁSTICA ARTÍSTICA NA CIDADE DE CURITIBA/PR**

me comprometo a manter a confidencialidade sobre os dados coletados nos arquivos do **Banco de Dados, retirados das entrevistas.**

Informo que os dados a serem coletados dizem respeito às condições em que a Ginástica Artística se desenvolve na cidade de Curitiba, através de infraestrutura, financiamento e projetos municipais.

Curitiba, 14 de Novembro
de 2018.

Nome

R.G.

Assinatura

APÊNDICE 3 – Roteiro de Entrevista Semiestruturada Para Técnicos

1. Qual a sua opinião sobre o crescimento da Ginástica Artística de alto rendimento no Brasil?
2. O que tem a comentar sobre a organização e administração da Ginástica no Brasil?
3. Na sua opinião a Ginástica Artística é bem difundida e praticada na infância das crianças brasileiras?
4. No seu entendimento, porque a Ginástica ainda é pouco difundida entre os profissionais recém-formados em Educação Física?
5. Você conhece programas de Ginástica Artística desenvolvidos em municípios brasileiros? Se sim, poderia citar alguns?
6. Na sua opinião, por que os cursos de capacitação para professores e técnicos de Ginástica no país são tão escassos?
7. Como você avalia o financiamento do esporte brasileiro, em especial o financiamento público da Ginástica Artística?
8. Qual a sua opinião sobre a estrutura destinada à prática da Ginástica Artística na cidade de Curitiba?
9. Você conhece o Talento Olímpico do Paraná? Acredita que o financiamento Paranaense do governo do estado é suficiente para a Ginástica Artística?
10. Como você avalia o programa Bolsa Atleta, programa de financiamento de atletas do governo federal?
11. Em termos de gestão, quais os principais pontos que precisam ser melhorados para o desenvolvimento da Ginástica Artística no Brasil?

APÊNDICE 4 – Roteiro de Entrevista Semiestruturada Para Professores

1. Na sua opinião quais são as dificuldades para se adquirir materiais e aparelhos para o ensino da Ginástica Artística na Universidade?
2. Com qual frequência há cursos de especialização, seminários e congressos relacionados à Ginástica Artística em Curitiba e no Brasil?
3. Quais são as facilidades e as dificuldades de levar a comunidade para a Universidade pensando em um projeto de Ginástica Artística?
4. Como você avalia o financiamento do esporte brasileiro, em especial o financiamento público da Ginástica artística?
5. Qual a sua opinião sobre a estrutura destinada à prática da Ginástica Artística na cidade de Curitiba?
6. Você conhece programas de Ginástica Artística desenvolvidos em municípios brasileiros? Se sim, poderia citar alguns?
7. Você conhece o Talento Olímpico do Paraná? Acredita que o financiamento Paranaense do governo do estado é suficiente para a Ginástica Artística?
8. Como você avalia o programa Bolsa Atleta, programa de financiamento de atletas do governo federal?
9. Em termos de gestão, quais os principais pontos que precisam ser melhorados para o desenvolvimento da Ginástica Artística no Brasil?